



UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ

ISSN 1678-2089
ISSNe 2178-9258

www.periodicos.ufc.br/contextus

Ecosistema de empreendedorismo social: O caso do estado da Paraíba

Social entrepreneurship ecosystem: The case of the state of Paraíba

Ecosistema de emprendimiento social: El caso del estado de Paraíba

<https://doi.org/10.19094/contextus.2023.81548>

Adriana de Oliveira Ramos

<https://orcid.org/0000-0003-1660-5664>

Mestre em Administração pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)
adrianaramos@outlook.com

Tárcila Bezerra Vasconcelos

<https://orcid.org/0000-0002-6254-1713>

Mestre em Administração pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)
tarcilabvasconcelos@gmail.com

Verônica Macário de Oliveira

<https://orcid.org/0000-0003-4194-9047>

Professora na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)
Pós-Doutora em Administração pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG)
veronica.macario@uaac.ufcg.edu.br

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar as configurações do Ecosistema de Empreendedorismo Social (EES) na Paraíba a partir do modelo descrito por Isenberg (2011) e adaptado por Audretsch et al. (2022). O estudo de caso teve abordagem qualitativa de natureza descritiva e exploratória. As técnicas foram a observação não participante e entrevistas semiestruturadas. As unidades de análise foram os atores envolvidos no EES da Paraíba. Foi constatado que o EES reúne um conjunto de talentos com potencial transformador. Entretanto, a falta de políticas públicas e de capacitação são os principais desafios encontrados. Com isso, o EES da Paraíba mostrou-se um ambiente ainda em desenvolvimento, faltando a interação entre os atores para o fortalecimento ecossistêmico da região.

Palavras-chave: ecossistema de empreendedorismo; empreendedorismo social; empresas sociais; impacto social; estudo de caso.

ABSTRACT

This article aims to analyze the configurations of the Social Entrepreneurship Ecosystem (SEE) in Paraíba from the model described by Isenberg (2011) adapted by Audretsch et al. (2022). The case study had a qualitative approach of a descriptive and exploratory nature. The techniques were non-participant observation and semi-structured interviews. The units of analysis were the actors involved in the SEE of Paraíba. It was found that the SEE brings together a set of talents with transformative potential. However, the lack of public policies and training are the main challenges encountered. With this, the SEE of Paraíba proved to be an environment still in development, lacking interaction between the actors for the ecosystem strengthening of the region.

Keywords: entrepreneurship ecosystem; social entrepreneurship; social enterprises; social impact; case study.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo analizar las configuraciones del Ecosistema de Emprendimiento Social (EES) en Paraíba a partir del modelo descrito por Isenberg (2011) adaptado por Audretsch et al. (2022). El estudio de caso tuvo un enfoque cualitativo de carácter descriptivo y exploratorio. Las técnicas fueron la observación no participante y la entrevista semiestructurada. Las unidades de análisis fueron los actores involucrados en la EES de Paraíba. Se constató que la EES reúne un conjunto de talentos con potencial transformador. Sin embargo, la falta de políticas públicas y capacitación son los principales desafíos encontrados. Con eso, la EES de Paraíba demostró ser un ambiente aún en desarrollo, carente de interacción entre los actores para el fortalecimiento ecossistêmico de la región.

Palabras clave: ecossistema de emprendimiento; el emprendimiento social; empresas sociales; impacto social; estudio de caso.

Informações sobre o Artigo

Submetido em 30/08/2022
Versão final em 28/12/2022
Aceito em 29/12/2022
Publicado online em 14/03/2023

Comitê Científico Interinstitucional
Editor-Chefe: Diego de Queiroz Machado
Avaliado pelo sistema *double blind review*
(SEER/OJS – versão 3)



Como citar este artigo:

Ramos, A. N., Vasconcelos, T. B., & Oliveira, V. M. N. (2023). Ecosistema de empreendedorismo social: O caso do estado da Paraíba. *Contextus – Revista Contemporânea de Economia e Gestão*, 21, e81548, <https://doi.org/10.19094/contextus.2023.81548>

1 INTRODUÇÃO

A sociedade vem enfrentando dificuldades atreladas às diversas desigualdades sociais. Desde meados da década de 1990, países da América Latina se engajaram na tentativa de impulsionar o crescimento econômico com políticas de distribuição de renda. No Brasil, especificamente, destacaram-se as políticas de cunho social associadas, por exemplo, à transferência condicionada de renda, ao aumento das taxas reais de crescimento do salário mínimo e ao aumento dos gastos públicos em saúde, educação e infraestrutura (Azevedo *et al.*, 2022). Todavia, as desigualdades, sejam elas econômica, social, ambiental, educacional ou de outras naturezas, são problemas que continuam afetando grande parte da população.

Além do mais, o discurso que torna o indivíduo responsável pela sua condição de empregabilidade foi impulsionado pelo aumento da competição entre os agentes econômicos, produzindo avanços tecnológicos como caminho para obter a vantagem competitiva (Tavares & Rodrigues, 2015). Nesse cenário, o desemprego é uma realidade para uma parcela da população, que se vê, muitas vezes, obrigada a recorrer ao autoemprego devido à falta de qualificação exigida pelo mercado ou mesmo pela falta de oportunidade.

Nesse contexto, o empreendedorismo tem se demonstrado como um elemento impulsionador ao desenvolvimento dos países e uma alternativa em resposta às situações de crises, dado que, o empreendedor assumiu a função de impulsionar a transformação na sociedade por meio da introdução de novos produtos, padrões produtivos ou processos, sendo visto como agente revolucionário (Schumpeter, 1943).

Nas últimas décadas, novas formas de empreendimentos têm surgido. Conforme os primeiros estudos do *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM), o empreendedorismo foi inicialmente definido como criação de novos negócios ou qualquer tentativa de novo empreendimento, como também, trabalho autônomo ou expansão de um negócio já existente (Reynolds *et al.*, 2000). No entanto, atualmente o conceito de empreendedorismo se expandiu para incorporar novas formas e contornos. Dentre estes novos delineamentos, o empreendedorismo social surge como resposta para os diversos desafios da sociedade (Ashoka, 2021; Sassmannshausen & Volkmann, 2013) que leva em consideração os interesses de investidores, clientes, comunidade envolvida e sustentabilidade (Lipkin *et al.*, 2017).

O empreendedorismo social tornou-se um tópico de grande relevância na pesquisa nos últimos anos (Dionísio, 2019). Apesar de ser trabalhado na literatura recentemente, vem atraindo a atenção de pesquisadores, difundindo rapidamente e aumentando consideravelmente o número de pesquisas, publicações e conferências específicas sobre a temática (Carmona *et al.*, 2018). Tal constatação

evidencia o interesse pelo assunto. Todavia, para que os empreendimentos sociais sejam desenvolvidos e implementados é necessário um ambiente favorável, onde eles possam, em conjunto com todas as partes interessadas, desempenharem suas atividades com êxito para desenvolver a localidade e ter suas ideias viabilizadas.

Esses espaços ou ambientes começam a ser chamados de ecossistema de empreendedorismo ou termos correlatos. O termo advém da biologia e foi usado pela primeira vez em 1996 por James Moore na sua obra intitulada de "*The death of competition*" (Gobble, 2014). O trabalho de Moore (1996) definiu o ecossistema de negócios empresariais (*business ecosystem*) como comunidades econômicas apoiadas por indivíduos e organizações em que as empresas ocupam nichos tais quais espécies em biomas, sendo que os vários membros do ecossistema evoluem. Com isso, esse conceito estabelece um paralelo com os ecossistemas biológicos naturais, onde a vida se cria, se adapta e evolui a partir da interação e sinergia inerentes a cada sistema (Audy & Piqué, 2016).

Dessa forma, os ecossistemas empreendedores (EEs) conquistaram definitivamente seu lugar como tema de interesse nas agendas de pesquisadores e líderes políticos (Alvedalen & Boschma, 2017; Isenberg & Onyemah, 2016; Schäfer & Mayer, 2019; Spigel, 2017; Stam, 2015). Contudo, apesar do aumento do número de estudos com foco neste campo, percebe-se que a literatura se encontra na fase de desenvolvimento teórico (Fernandes & Ferreira, 2022), uma vez que, a velocidade e a incidência de publicação desses novos estudos levaram a uma falta de coordenação e tornaram a literatura da área carentes de sistematização e de um arcabouço teórico adequado (Alvedalen & Boschma, 2017; Spigel, 2017; Spigel, & Harrison, 2018; Stam, 2015).

Os ecossistemas de empreendedorismo social se baseiam na ideia de criar um ambiente de fortalecimento desse tipo de empreendimento, incluindo atores dos diversos setores da sociedade numa rede de articulação para discutir demandas, trocar apoio e difundir oportunidades de empreender. O ecossistema se baseia em organizações que se relacionam de forma interdependente, esses agentes do ecossistema de negócio compartilham conhecimento e recursos por considerarem que dessa forma, podem alcançar os objetivos de uma maneira melhor do que se trabalhassem individualmente (Ikenami, 2016).

Desse modo, ainda que adquirindo lucro, no empreendedorismo social o foco da atividade deve ser o impacto social, enquanto que o principal objetivo no empreendedorismo comercial é a obtenção de retornos financeiros. Assim, como propõe Dees (1998), "a riqueza é apenas um meio de atingir um fim para os empreendedores sociais" (pp. 2-3).

A agência dos atores e elementos presentes nos ecossistemas de empreendedorismo social é fundamental para que haja impacto e transformação local. Assim, a

compreensão dos elementos que compõem esses ecossistemas e como eles se complementam é imprescindível para que essas mudanças sejam desenvolvidas e perpetuadas ao longo do tempo. Dessa forma, se faz importante conhecer quais são esses elementos, como eles se relacionam para promover uma dinâmica virtuosa de desenvolvimento local na região/setor em que estão posicionados e quais os impactos que podem ser gerados em termos de transformação social.

Diante deste contexto, este artigo busca responder ao seguinte problema de pesquisa: Qual a configuração do ecossistema de empreendedorismo social na Paraíba? Com isso, o presente artigo tem como objetivo analisar a configuração do ecossistema de empreendedorismo social na Paraíba. Os objetivos específicos foram: 1) Identificar os elementos de ecossistema de empreendedorismo social existente na Paraíba; 2) Verificar os atores envolvidos e papéis desempenhados por eles; e, 3) Compreender as perspectivas de desenvolvimento do ecossistema de empreendedorismo social da Paraíba.

O conceito de “ecossistemas empresariais” ou “ecossistemas de empreendedorismo”, tornou-se recentemente um dos temas de maior interesse na comunidade acadêmica e emergindo como uma das abordagens de pesquisa mais promissoras na pesquisa em empreendedorismo (Alvedalen & Boschma, 2017; Schäfer & Mayer, 2019; Spigel 2017; Spigel & Harrison, 2018; Stam, 2015). Porém, ainda existe uma lacuna em relação aos ecossistemas de empreendedorismo social, os seus elementos e a forma como as configuram a partir de um nível de análise contextual.

Stam (2015) enfatiza que as abordagens sobre os aspectos gerenciais do ecossistema empreendedor são claramente insuficientes. Isto porque fornecem apenas uma lista de componentes (Isenberg, 2011) ou pilares (Forum, 2014), permanecendo geralmente na superfície, enquanto suas explicações acabam sendo tautológicas, tais como: “ecossistemas empresariais são sistemas que produzem empreendedorismo de sucesso” (Stam, 2015, p. 5). Destarte, segundo Lévesque (2016), uma lista de elementos ou fatores sem um *link* bem identificado não distingue as causas e os seus efeitos. Além do mais, é importante destacar também que o nível de análise (por exemplo, cidades, regiões, países) raramente é especificado e a distinção entre o necessário e o contingente nunca é feito com clareza (Lévesque, 2016).

Ademais, a sensibilização quanto ao tema, faz com que o conhecimento sobre ecossistema de empreendedorismo social se torne fundamental para o desenvolvimento de abordagens sistêmicas e estruturais que apoiem o desenvolvimento desses empreendimentos, os quais buscam contribuir com a redução das desigualdades social, como também, com a resiliência das questões ambientais e econômicas nos locais onde estão inseridos.

Deste modo, o trabalho se justifica pela necessidade de análise da configuração do ecossistema de

empreendedorismo social do estado da Paraíba, como também, no desenvolvimento local que esses empreendimentos proporcionam para sociedade.

Em termos estruturais, esse artigo se organiza em cinco seções. Além desta introdução, apresenta-se o referencial teórico que aborda as discussões sobre a definição de ecossistema, o modelo do ecossistema empreendedor mais utilizado na literatura e o modelo de ecossistema de empresas sociais. Na terceira seção, detalham-se os procedimentos metodológicos. Os resultados são apresentados e discutidos na quarta seção. E, por fim, têm-se as considerações finais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O empreendedorismo social tem atraído grande interesse nas últimas duas décadas. Os estudos de empreendedorismo social tornaram-se um fenômeno e seu apelo cresceu fortemente entre grupos socialmente conscientes (Hidalgo *et al.*, 2021). As pessoas se tornaram mais céticas sobre a capacidade de governos e empresas de resolver problemas sociais prementes, como pobreza, exclusão social e meio ambiente (French *et al.*, 2021).

A principal característica é a sua motivação de resolver alguma questão relacionada à pobreza, à saúde, à educação ou a qualquer outro problema social e ambiental (Austin *et al.*, 2006; Neck *et al.*, 2009). Os problemas ambientais, por serem considerados graves adversidades da atualidade, também fazem parte do domínio do empreendedor social (Neck *et al.*, 2009).

Sendo assim, o empreendedorismo vem sendo compreendido como um processo multidimensional que envolve variáveis sociais (mobilidade social, cultura e sociedade), econômicas (incentivos de mercado, políticas públicas e capital de risco) e psicológicas como influenciadoras no ato de empreender (Minuzzi *et al.*, 2005).

O termo empreendedorismo social começa ser associado a um ambiente para o seu desenvolvimento chamado de ecossistema, trabalhado na literatura e abordado por diversos autores como “ecossistema empreendedor”, “ecossistema de empreendedorismo”, dentre outras denominações, mais adiante trabalhando não só a questão econômica, mas trazendo a tratativa sobre as questões sociais, denominado assim de “ecossistema de empreendedorismo social” ou “ecossistema de inovação social”.

Dessa forma, segundo Dees (1998), o empreendedor social precisa operar fora da lógica de doações, de viver dos subsídios do governo para poder sustentar-se, rompendo paradigmas e atuando como agente do desenvolvimento econômico e social das comunidades a que atende. Deve ser orientado para promover mudanças sociais significativas que geram alto impacto social para a sociedade, ou seja, o empreendedor social deve ir além das atividades inovadoras sem fins lucrativos, deve fomentar atividades lucrativas com objetivos sociais (Bittencourt *et al.*, 2016). E, para promover e desenvolver o

empreendedorismo social, é necessário construir um ecossistema eficiente e integrado, que favoreça o desempenho dos papéis das partes interessadas (Kabbaj *et al.*, 2016). Isto porque, os indivíduos geralmente optam por empreender, só que o êxito de um projeto empreendedor depende não apenas das características do empreendimento, mas também do ambiente ou ecossistema em que ele é imaginado, desenvolvido e cultivado (Elia *et al.*, 2020).

2.1 Abordagens do termo Ecosistema

O termo ecossistema foi abordado em diversas áreas até chegar na Administração. Inicialmente, foi criado pelo biólogo Tansley, em 1935, referindo-se a ideia de que organismos não devem dissociar-se de seu habitat natural. Segundo Tansley, o conceito de ecossistema está baseado na ideia de superorganismo, o qual é capaz de evoluir ao longo do tempo. No campo da Administração, o termo vem se moldando em diversas novas abordagens (Figura 1).



Figura 1. Linha do Tempo das Abordagens do termo Ecosistema em Administração.
Fonte: Elaborada a partir da revisão teórica.

Em princípio, o termo foi utilizado como ecossistema industrial (Frosch & Gallopoulos, 1989), onde o objetivo da análise era minimizar a entrada de material virgem e energia nas operações industriais. Na sequência, foi inserida a ideia de fazer um paralelo do ambiente econômico dos negócios com o ecossistema natural. Isto aparece de forma evidente nos estudos realizados por Moore (1993) sobre comportamento organizacional. Desde então, o autor se inspirou no conceito de ecossistema e o aplicou no campo da estratégia e dos negócios.

Nachira (2002) direciona a discussão para o que chamou de ecossistemas de negócios digitais. Além do uso do termo ecossistema na perspectiva de negócios digitais, Adner (2006) adotou o conceito para ecossistema que se concentra em uma inovação focal e no conjunto de componentes (*upstream*) e complementos (*downstream*) que a suportam, e vê o ecossistema como “os arranjos colaborativos por meio dos quais as empresas combinam suas ofertas individuais em um conjunto coerente e voltado para o cliente” (Adner, 2006, p. 98). Acreditando que seria fortuito para explicar as incertezas e riscos associados às atividades de gestão da inovação.

Isenberg (2010) traz então o conceito mais utilizado até os dias atuais sobre ecossistema empreendedor, no qual ele afirma que o ecossistema é composto por alguns domínios, que são eles: um conjunto de atores empreendedores, incluindo potenciais clientes e fornecedores, universidades e centros de pesquisa, operadores sociais e culturais, instituições e formuladores

de políticas, grandes empresas, startups e empreendedores inovadores, especialistas e profissionais, investidores e um conjunto de pessoas talentosas. Os pilares e domínios do ecossistema empreendedor elaborado por Isenberg (2010; 2011), portanto, evidenciam uma mudança nos paradigmas do pensamento econômico sobre as empresas e mercados ao proporem uma nova perspectiva econômica fundamentada em indivíduos, instituições formais e informais e redes.

Alguns pesquisadores, como os do grupo de pesquisa *Theoretical, Empirical and Policy Foundations for Social Innovation in Europe* (TEPSIE) traduzido para o português quer dizer “Fundamentos teóricos, empíricos e de políticas para a inovação social na Europa”, que tem como projeto de pesquisa busca distinguir tendências e desenvolvimento da teoria da inovação social na Europa, propuseram expandir o conceito de ecossistema de inovação social para incluir mais explicitamente organizações orientadas pelas demandas (Tepsie, 2014). Criou-se, então, um diagrama que posiciona as organizações relacionadas à oferta e à demanda, sem esquecer os intermediários que tentam vinculá-las a um todo, onde predomina o conceito de uma economia plural.

Stam (2015) propõe uma síntese dos elementos do ecossistema empreendedor, por sua vez, ao reunir os pilares de literatura de negócios de Feld (2012) e World Economic Forum (2013) traz uma visão específica sobre condições estruturais e sistêmicas, onde as condições estruturais incluem a presença e participação de

instituições formais, cultura de apoio, infraestrutura física adequada e a demanda por novos bens e serviços; enquanto as condições sistêmicas, referem-se à promoção de *networks*, presença de lideranças fortes, profissionais capacitados e serviços de apoio, acesso à financiamento e a novos conhecimentos.

No relatório emitido em 2014, pela Comissão Europeia, denominado "Um mapeamento das empresas sociais e seus ecossistemas na Europa", que abrange 29 países europeus, afirma-se que "As características de um

ecossistema para empresas sociais, necessárias para superar barreiras ao crescimento, tendem a ser ainda não muito maduras na maioria dos países, mas há um surgimento lento, embora a estrutura formal de apoio e as políticas de apoio permanecem escassas" (Comissão Europeia, 2014, p. 10). Nesse sentido de análises de diferenciação, a Tabela 1 apresenta as principais características do ecossistema de empreendedorismo e do ecossistema de empreendedorismo social.

Tabela 1

Características do ecossistema de empreendedorismo e do ecossistema de empreendedorismo social

Características	Ecossistema empreendedor	Ecossistema de empreendedorismo social
Abordagem	Desenvolvimento Econômico.	Desenvolvimento Econômico e Social.
Papel	Facilitador de imersão de novas empresas e empreendedores com objetivo na lucratividade.	Facilitador para o desenvolvimento de novos empreendimentos que tenham como finalidade cessar alguma demanda da sociedade.
Contexto	Ambiente de fortalecimento de empreendimentos.	Ambiente de fortalecimento de empreendimentos sociais.
Objetivo	Foco no mercado.	Busca soluções inovadoras para problemas sociais e ambientais da comunidade.
Princípios	Engajamento em busca de maiores ganhos.	Engajamento em torno de uma causa comum.
Resultados	Crescer e manter lucratividade.	Criar e manter valor social.
Processos	Produz bens e serviços para o mercado.	Produz bens e serviços para a comunidade local e global.

Fonte: Elaborado a partir da revisão teórica.

Stam e Van de Ven (2019) afirmaram que o conceito é problemático, e a pressa em empregá-lo correu à frente de responder a várias questões conceituais, teóricas e empíricas fundamentais. Eles afirmam que o fenômeno, à primeira vista, parece bastante tautológico: ecossistemas empreendedores são sistemas que produzem empreendedorismo bem-sucedido. Com isso, onde há muito empreendedorismo bem-sucedido, aparentemente existe um bom ecossistema empreendedor.

Por essa razão, o pensamento atual sobre ecossistemas empreendedores pode ser visto como o resultado de desenvolvimentos em várias literaturas relacionadas (Wurth *et al.*, 2021), atentando-se que o conceito de ecossistema empreendedor (EE) ficou amplamente conhecido e disseminado por meio do artigo do Professor Daniel Isenberg publicado na *Harvard Business Review* (Isenberg, 2011). Para Isenberg (2011), um ecossistema empreendedor é constituído por seis grandes constructos, a saber: Políticas, Finanças, Cultura, Apoio, Capital Humano e Mercados. Nota-se que para o autor cada elemento isolado é favorável ao empreendedorismo, mas insuficiente para sustentá-lo. Juntos eles turbinam a criação e o crescimento dos empreendimentos.

2.2 Ecossistema Empreendedor

Como já abordado, um ecossistema empreendedor consiste em todos os elementos necessários para sustentar o empreendedorismo em um determinado território (Stam & Van de Ven, 2019) e pode ser definido

como um "guarda-chuva conceitual para os benefícios e recursos produzidos por uma comunidade coesa, tipicamente regional, de empreendedores" (Spigel & Harrison, 2018, p. 152) onde as instituições e os empresários são interdependentes, influenciando e sendo influenciados uns pelos outros (Brush *et al.*, 2018).

No que tange aos aspectos específicos sobre "ecossistema de empreendedorismo" ou "ecossistema empreendedor", Isenberg (2011) avançou em suas pesquisas sobre o tema. Para Isenberg (2011), um ecossistema empreendedor é constituído por seis grandes constructos, a saber: 1) Políticas (fatores relacionados às regulamentações governamentais, incentivos fiscais e outras estratégias para incentivar o empreendedorismo); 2) Finanças (estruturas para atrair pequenos investidores, investidores anjos, grandes fundos de equity private, entre outros); 3) Cultura (como é a tolerância ao erro, quão valorizado são os empreendedores de sucesso, qual é a ambição da população para empreender, entre outros); 4) Apoio (como se dá o apoio do ponto de vista de infraestrutura e a serviços profissionais às empresas nascentes); 5) Capital Humano (aborda questões relacionadas à formação profissional para o empreendedorismo e treinamentos) e; 6) Mercados (parâmetros relacionados à regionalização da economia, diversificação, entre outros). Nota-se que para o autor cada elemento isolado é favorável ao empreendedorismo, mas insuficiente para sustentá-lo. Juntos eles turbinam a criação e o crescimento dos empreendimentos (Figura 2).

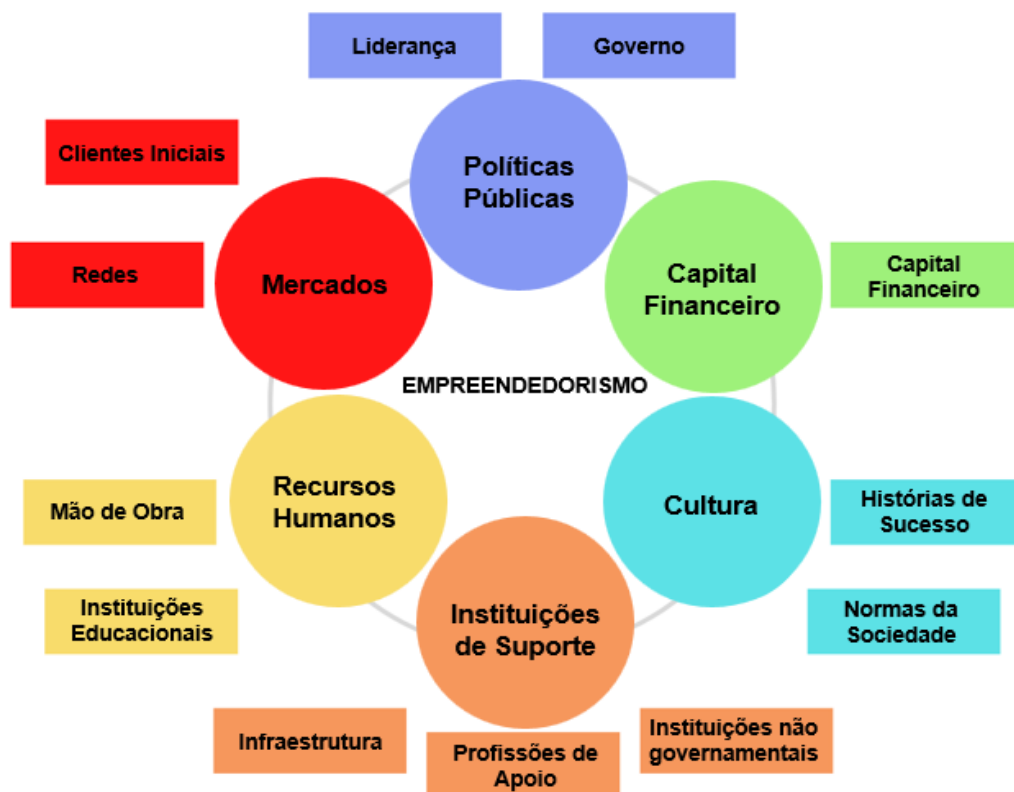


Figura 2. Domínios do ecossistema empreendedor.

Fonte: Isenberg (2011).

Neste contexto, o ecossistema empreendedor representa um sistema socioeconômico auto-organizado e autossustentável pela busca dos atores por seus interesses, em que há uma relativa independência de um controle central, porém políticas podem influenciar as estruturas de interação dos atores (Isenberg, 2016).

Um dos principais domínios dos ecossistemas empreendedores que Isenberg (2011) enfoca é o capital humano, como a presença de empreendedores em série. No entanto, além desses empreendedores tidos como tradicionais, ou ainda, aqueles que buscam como meta central os ganhos econômicos, outros tipos de empreendedores atuam e podem também fazer parte de um de ecossistema que seja tido como um promotor do desenvolvimento.

Nessa perspectiva, o empreendedor social é um ator que pode contribuir e atrair investimentos, diante da sua tratativa não só econômica, como também social, então se faz necessário que esses outros tipos de empreendedores sejam abordados dentro desses ecossistemas alavancando e contribuindo para uma sociedade melhor. Dessa maneira, é fundamental trabalhar para unificar o empreendedorismo social e literaturas de ecossistemas empreendedores, como também, compreender a interação entre esses dois fenômenos (Villegas-Mateos & Vázquez-Maguirre, 2020).

2.2.1 Ecosistema de Empreendedorismo Social

Diante da inexistência de um modelo que trabalhasse a perspectiva social, a Comissão Europeia (2011) propôs

alguns elementos ou características que formariam um ecossistema para promover empresas sociais no coração da economia e da inovação social. A ideia é ser uma ferramenta que contemple as partes interessadas dentro de um ecossistema estruturado e claro quanto a sua sustentabilidade financeira e impacto social.

Segundo Lévesque (2016), o ecossistema da empresa social é definido como um ambiente em que as empresas sociais são vistas como entidades a serem apoiadas e não como atores capazes de fornecer coletivamente ferramentas de desenvolvimento. Desta forma, o quadro político é colocado no centro, enquanto redes e mecanismos de apoio mútuo são características que atuam no entorno do processo de desenvolvimento dos empreendimentos sociais. Desse modo, tratam das demandas, ou seja, das dinâmicas de inovação social e suas consequências sobre os problemas públicos ou as necessidades sociais em torno dos quais os diferentes atores dos ecossistemas de inovação social se mobilizam para promover a incidência.

Neste sentido, o trabalho de Audretsch *et al.* (2022) fazem uma adaptação do modelo de Isenberg (2011) para adequá-lo ao empreendedorismo social. Os autores abordam mudanças no modelo de ecossistema empresarial de Isenberg (2011), propondo um novo modelo de ecossistema de inovação social, trazendo um adendo sobre as características dos inovadores sociais, suas necessidades e como eles podem ser apoiados no desenvolvimento e implementação de ecossistemas de inovação social.

Ele tem como objetivo explorar as características dos inovadores sociais e suas necessidades emergentes em uma região onde o ecossistema de inovação ainda é ausente. É desenvolvido um modelo para se sobrepor aos ecossistemas tradicionais e discutir as possíveis sinergias e tensões entre os dois ecossistemas. Esse novo modelo sugerido oferece aos formuladores de políticas e profissionais de maneira geral, uma estrutura para providenciar um ambiente de suporte aos empreendedores sociais.

Assim, o modelo desenvolvido por Audretsch *et al.* (2022) parte das seis dimensões criadas por Isenberg (2011), acrescentando os indicadores do ecossistema de

inovação social e as necessidades do inovador social amplamente negligenciadas pela literatura. A Tabela 2 expõe as seis dimensões e os indicadores que formam cada dimensão. Cada dimensão foi composta por indicadores compartilhados com o ecossistema empresarial tradicional e por elementos próprios do ecossistema de inovação social, com exceção da dimensão “Mercado” que possui somente indicadores compartilhados com o ecossistema empresarial tradicional. Além do mais, os indicadores em negrito são as necessidades emergentes dos inovadores sociais, que são amplamente negligenciadas na literatura.

Tabela 2

Modelo de Ecossistema de Inovação Social

Categorias (Isenberg, 2011)		Indicadores (Audretsch <i>et al.</i> , 2022)
Política	Compartilhados	Atividades políticas personalizadas Configuração legal
	Próprios do ecossistema de inovação social	Educação sobre inovação social Foco sociopolítico orientado a longo prazo* Ponto de contato político*
Finanças	Compartilhados	Acesso mais fácil e menos formalidades Fontes financeiras comuns
	Próprios do ecossistema de inovação social	Medidas adequadas para avaliar o impacto de Sis Orçamento próprio do SI governamental*
Mercado	Compartilhados	Mudança social e demográfica Proteção ambiental Nichos
	Compartilhados	Características pessoais fortes Conhecimento Específico Experiência não local e prática
Capital Humano	Próprios do ecossistema de inovação social	Habilidades sociais, de comunicação e de gerenciamento de projetos*
	Compartilhados	Alcance público Infraestrutura e espaço físico Apoio específico do projeto Centro/central
Apoio	Próprios do ecossistema de inovação social	Problemas Sociais*
	Compartilhados	Incentivo da sociedade Cultura empreendedora
Cultura	Próprios do ecossistema de inovação social	Sensibilidade Social e Ética Sociedade participativa Horizonte internacional*
	Compartilhados	Comunicação e discussão adequadas*

Fonte: Elaborado com base em Audretsch *et al.* (2022).

Os elementos apontados pelos autores possuem papéis fundamentais dentro do ecossistema que está inserido. Tratando do governo e das iniciativas públicas é fundamental falar que quase tudo parte desse elemento, seja na esfera municipal, estadual ou federal. De acordo com Carvalho *et al.* (2016), o governo tem um papel fundamental para as empresas na regulação de um conjunto de normas e regulamentos, que podem facilitar o processo empreendedor e diminuir a burocracia. Isso posto, as políticas públicas devem ser mais firmemente implementadas e evoluir ao longo do tempo, tendo em vista, que, os ecossistemas são complexos e dinâmicos e precisam crescer e se desenvolver.

Além do mais, de acordo com Gitman (2004), praticamente todos os indivíduos e organizações estão envolvidos com atividades financeiras, dado que, constantemente, recebem, levantam, gastam e investem dinheiro. Com isso, esse domínio é essencial para o desenvolvimento dos empreendimentos (Santos Filho *et al.*, 2019).

Sequencialmente, para que haja disponibilidade de pessoas com talentos é essencial uma aproximação entre futuros empreendedores e empresas, ou seja, a formação de redes de contatos nos mercados (Santos *et al.*, 2016). Os mercados facilitam a criação de novas empresas por meio da troca de conhecimento e informações, além de

proporcionarem os primeiros contatos entre os atores de novos negócios (Ghazali *et al.*, 2013).

O capital humano se refere aos empreendedores que estão dispostos a desenvolver os empreendimentos em determinada região, pode-se dizer que é o elemento primordial para a existência do ecossistema empreendedor, que sem o papel humano não há como desenvolver esse ecossistema. Stam e Van de Ven (2019) afirmam que talvez o elemento mais importante de um ecossistema empreendedor eficaz seja a presença de um grupo diversificado e qualificado de trabalhadores.

A dimensão de instituições e organizações de apoio trata de elementos que são responsáveis por ofertar ensino de qualidade e formar profissionais, cidadãos críticos e capacitados para atuar no mercado de trabalho, com a missão de inserir o empreendedorismo social na educação de base, assim como, as organizações que tragam o objetivo de mudança social dentro da sociedade através dos programas e serviços por elas ofertados. Por fim, a prevalência e as formas de empreendedorismo são afetadas pelas estruturas institucionais específicas do lugar e por fatores culturais também (Acs *et al.*, 2017). A cultura adequada de comunicação e discussão necessária para o desenvolvimento e implementação de inovação social, bem como, uma cultura aberta a novos produtos e serviços (a inovação não tem sentido se não for adquirida e utilizada) é necessária para estimular a sociedade a participar da mitigação dos problemas sociais por meio do desenvolvimento de ideias inovadoras (Audretsch *et al.*, 2022).

O modelo mais comumente utilizado nas pesquisas é o proposto por Isenberg (2011), alguns autores como Kabbaj *et al.* (2016) utilizam as dimensões propostas por Isenberg no seu artigo para realizar a análise em um estudo sobre o ecossistema de empreendedorismo social: o caso de Marrocos. Os autores concluem que mais esforços são necessários para aumentar a eficiência dos empreendedores sociais, como também, os empreendedores sociais têm muita dificuldade na disponibilidade de fontes de financiamento, eles ressaltam que para desenvolver o ecossistema de empreendedorismo social, precisa de mais esforços dos formuladores de políticas.

Sendo assim, este modelo vem sendo utilizado na literatura como estrutura para análise de ecossistemas empreendedores. Posteriormente Audretsch *et al.* (2022) fazem uma adaptação a este modelo, explicitando as necessidades específicas do inovador social e foi o modelo escolhido para análise dos dados.

3 METODOLOGIA

O objetivo dessa pesquisa foi analisar as configurações do Ecossistema de Empreendedorismo

Social (EES) na Paraíba a partir do modelo proposto por Audretsch *et al.* (2022), uma adaptação do modelo criado por Isenberg (2011). Audretsch *et al.* (2022) fazem uma adaptação das seis dimensões criadas por Isenberg (2011), após um estudo de caso, e acrescentam a este modelo as dimensões do ecossistema de inovação social, como também as necessidades do inovador social amplamente negligenciadas pela literatura.

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa de natureza descritiva e exploratória. O método escolhido foi o estudo de caso, por ser um método que permite o detalhamento de um único objeto de estudo ou de múltiplos objetos e por ser utilizado para compreender fenômenos pouco estudados e os aspectos específicos de uma teoria (Pesce & Abreu, 2019).

O Estado da Paraíba tem se consolidado como um ambiente fértil para a inovação e a produção tecnológica, seja através das startups, de empresas inovadoras, incubadoras, instituições de ensino e fomento, dentre outros atores que estão inseridos no ecossistema local. O estado vive um momento único para o fortalecimento e integração dessa rede de atores, visando o amadurecimento do ecossistema e a consolidação da cultura do empreendedorismo e da inovação.

A Paraíba é uma das 27 unidades federativas do Brasil localizada no leste da região Nordeste. Seu território é dividido em 223 municípios com uma população de 3,996 milhões de habitantes. Ademais, ao longo dos anos a Paraíba vem se transformando em uma referência nacional na área de inovação possuindo cerca de 320 empresas no segmento de negócios digitais e Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) principalmente nas cidades de João Pessoa, Campina Grande, Patos e Cajazeira (A Paraíba - lbal@io, [s.d.]).

Quanto à definição dos sujeitos de pesquisa, a partir de uma amostragem não probabilística, optou-se pela realização de entrevistas semiestruturadas com os atores-chave envolvidos direta e indiretamente no Ecossistema de Empreendedorismo Social da Paraíba. Os roteiros semiestruturados foram construídos a partir das dimensões que compõem o modelo proposto por Isenberg, (2011) com os indicadores propostos pelo modelo de *framework* de Audretsch *et al.* (2022) que foram escolhidos a partir da revisão da literatura conforme Tabela 2.

Foram tidos como sujeitos desta pesquisa aqueles que participam ativamente no processo de desenvolvimento do ecossistema, como também, aqueles que possuíam acesso às informações sobre o funcionamento de alguma associação ou cooperativa que desenvolvem atividades na região e tem resultados positivos dentro do ecossistema de empreendedorismo. Com isso, os sujeitos de pesquisa foram os principais atores envolvidos no EES do Estado da Paraíba incorporados nas seguintes categorias: institucionais (representado por 7 entrevistados), sociais

(representado por 2 entrevistados) e organizacionais (representado por 2 entrevistados), (Tabela 3). As entrevistas contaram com dois tipos de roteiros semiestruturados. Um roteiro para os atores institucionais e

organizacionais, e um outro roteiro somente para os atores sociais. O critério de escolha foi por acessibilidade, usando também a técnica de bola de neve. A amostra, portanto, foi não probabilística, do tipo intencional e por acessibilidade.

Tabela 3

Síntese dos Atores

Tipo	Definição	Atores
Institucionais	Os atores institucionais envolvem as instituições, o Estado, a identidade e as normas ou valores de cada ator (Tardif & Harrisson, 2005).	Representado por profissionais da UFCG, PaqTcPB, PEASA, ITCG que desempenham papel de coordenadores de projetos que fomentam o empreendedorismo.
Organizacionais	Atores organizacionais referem-se às empresas, organizações da Economia Social, organizações coletivas e beneficiários ou destinatários (shareholders) das organizações privadas (Tardif & Harrisson, 2005).	Representado pelo Sebrae e por profissional do Banco do Nordeste.
Sociais	Os atores sociais envolvem os atores da sociedade civil, de movimentos cooperativistas e associativistas, de sindicatos ou de associações (Tardif & Harrisson, 2005).	Representados pelos artesãos e membro da Cooperativa Arteza localizada do Distrito de Ribeira de Cabaceiras – PB e pelos fabricantes e representante da padaria comunitária “Bolos das Oliveiras” da Associação das mulheres agricultoras familiares de Várzea Comprida dos Oliveiras de Pombal – PB.

Fonte: Dados da Pesquisa.

As técnicas de coleta de dados foram escolhidas de acordo com a abordagem do trabalho e seus objetivos específicos correspondentes. Desta forma, no que se refere à abordagem qualitativa do estudo foi realizada coleta de dados primários de múltiplas fontes, são elas: entrevista semiestruturada e observação não participante.

As entrevistas com os sujeitos de pesquisa foram realizadas através de questionário semiestruturado construído a partir das seis dimensões descritas pelo modelo de Isenberg (2011), são elas: Política, Finanças, Mercados, Capital Humano, Apoio e Cultura. Em sequência, os indicadores tiveram como base o *framework* proposto por Audretsch *et al.* (2022) onde foram abordados 27 indicadores. Os indicadores estão alocados nas seis dimensões propostas Isenberg (2011) e são divididas em duas categorias: 1) Os indicadores que são próprios dos EESs; e 2) Os indicadores que são inerentes a ambos os ecossistemas (social e tradicional).

Ao total foram realizadas 12 entrevistas entre os meses de março, abril e junho de 2022. As entrevistas foram realizadas tanto presencialmente como online através do Google Meet e a quantidade de entrevistas foi definida por meio do ponto de saturação (Glaser & Strauss, 2017). A maioria dos entrevistados trabalha em universidades públicas e fazem parte de programas de fomento ao empreendedorismo. No entanto, houve também entrevistados de outros tipos de instituições que contribuem para o fomento do empreendedorismo social, como, por exemplo, representantes de associações e cooperativas.

Os dados foram analisados a partir da análise de conteúdo (Bardin, 1977) seguindo os critérios de validade e confiabilidade propostos por Larrinaga (2017). O desenho metodológico da pesquisa se baseou no modelo adaptado de Creswell, (2010) e Larrinaga (2017) (Figura 3).

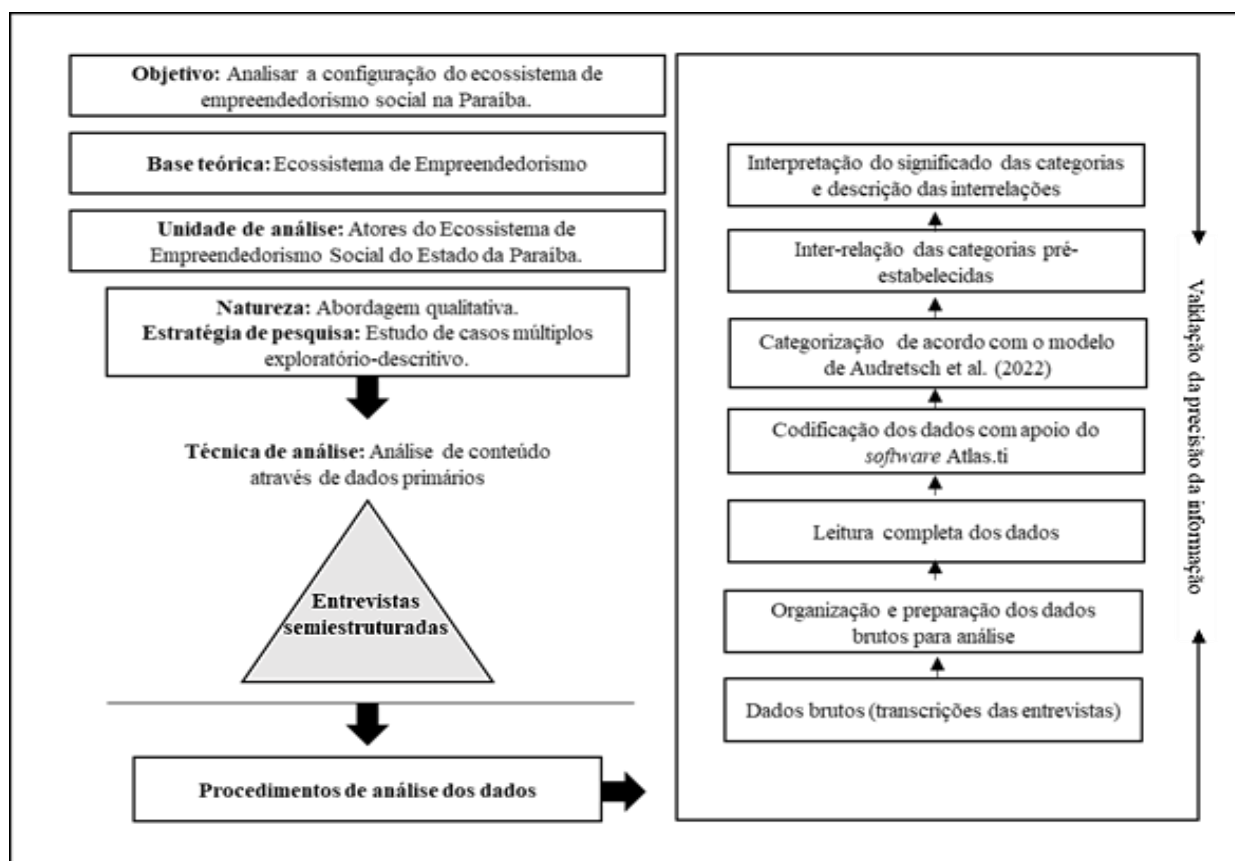


Figura 3. Desenho metodológico.

Fonte: Elaborado pelas autoras com base em Creswell (2010), Villarreal Larrinaga (2017) e Vasconcelos (2022).

O *software* Atlas.ti. auxiliou na organização, integração e sintetização das informações obtidas. O uso do *software* facilitou a categorização e interpretação dos dados a partir da análise da magnitude de cada indicador que indica a quantidade de *quotations* atribuídas a um determinado código. Quanto maior o número de *quotations*, maior a relevância do indicador para os entrevistados. O *software* foi escolhido devido a sua capacidade de proporcionar aos pesquisadores a organização, montagem e gerenciamento de forma criativa e sistemática dos materiais para análises qualitativas (Atlas.ti., 2022).

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Esta seção apresenta os resultados das entrevistas realizadas com os atores que fazem parte do Ecossistema da Paraíba, identificando dentro das dimensões os indicadores de maior influência e como eles se relacionam. Foram criados 37 códigos a partir do *framework* criado por Audretsch *et al.* (2022) e foram feitas 407 citações (*quotations*) ao total.

4.1 Dimensão Política

O objetivo da “Política” para Isenberg (2011) não deve ser ter uma alta taxa de sobrevivência de empreendimentos, mas ter empreendimentos com alto potencial de sobrevivência e empreendimentos de baixo

potencial para falir, quanto mais cedo melhor. Ele aborda várias implicações políticas em sua pesquisa, inclusive que o empreendedorismo precisa de políticas e ambientes diferentes, ou seja, que é necessário um ambiente adequado com políticas implementadas para esses tipos de empreendimento. Isenberg (2011) deixa claro que “se você não sabe para onde está indo, qualquer estrada o levará até lá, você precisa saber para que lado é o Norte verdadeiro se quiser navegar” (p. 9). Portanto, não é apenas preciso definir o tipo de empreendedorismo, mas também o quanto precisa para alcançar os objetivos traçados.

Audretsch *et al.* (2022) abordam em seu trabalho os 6 pilares estabelecidos por Isenberg (2011) orientados para o lucro como estrutura para analisar de acordo com a literatura existente as necessidades dos inovadores sociais. A iniciar com o pilar “Política” que de acordo com o autor pode permitir que essas novas formas organizacionais (empreendimentos sociais com objetivos sociais e econômicos) sejam ainda mais avançadas e promovidas, os quais podem receber financiamentos específicos a nível local, regional, nacional e até mesmo internacional e que devido ao seu hibridismo, os empreendedores sociais têm acesso a financiamentos tanto do setor com fins lucrativos quanto do não lucrativo (Battilana *et al.*, 2012). Os resultados apresentados na Figura 4 apontam que esta dimensão possui os 5 indicadores e que eles possuem entre si algum tipo de associação.

As variáveis de análise elencadas no *framework* abordado por Audretsch *et al.* (2022) contam com 5 indicadores que compõem a dimensão “Política” as atividades políticas personalizadas e configuração legal que são relevantes para os inovadores sociais e os empreendedores orientados para o lucro, eles, portanto

representam uma sobreposição dos dois ecossistemas e as necessidades negligenciadas específicas do inovador social que são: educação sobre inovação social, foco sócio sociopolítico orientado a longo prazo e ponto de contato político.

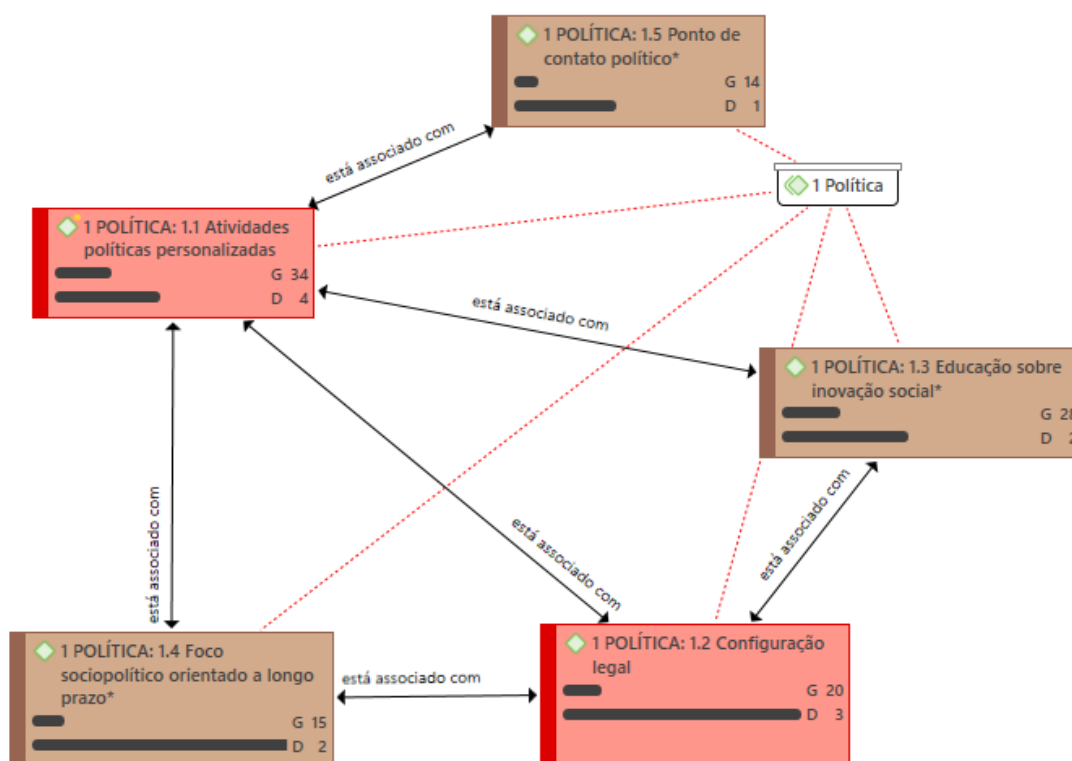


Figura 4. Dimensão Política.

Fonte: Rede gerada no Atlas.ti, com base nos dados da pesquisa de campo.

Tendo como base de análise esses dois indicadores que se mostram necessários nos dois ecossistemas, abordando com os entrevistados sobre essas perspectivas atreladas ao empreendedorismo social na Paraíba que é o foco do estudo, a maioria dos entrevistados ressaltam que atualmente é necessário a criação de políticas públicas direcionadas aos empreendedores sociais que tragam a conscientização sobre a problemática social através da ligação direta com a sociedade e introduzindo a educação sobre inovação social.

Essa dimensão apresentou a maior quantidade de magnitude em relação a todas as dimensões analisadas (118 *quotations*). Ressalta-se que as políticas personalizadas estão associadas a Configuração legal, a Educação sobre inovação social, como também aos demais indicadores, os quais são essenciais para o acesso a recursos (capital e humano), conforme enfatizam Audretsch *et al.* (2022) ao dizer que o termo recursos deve ser compreendido em um sentido amplo e incluir finanças e capital humano. Ele também aborda a importância da igualdade em se tratando da configuração legal, onde se o cenário legal for mais adequado para um ator do que para o outro é muito provável que haja tensões, e também que o

acesso a esses recursos seja um ponto de tensões entre os mesmos.

Dentre os diversos posicionamentos acerca da criação de políticas públicas personalizadas e já trazendo essa tratativa, o entrevistado E1 afirma que “[...] é necessário formulação de políticas públicas com a participação dos beneficiários, ou seja, é fundamental que a sociedade participe ativamente nesse processo de formulação para que de fato elas venham tentar sanar as problemáticas existentes na sociedade”. Além do mais, é possível identificar que programas estabelecidos para atender o público da agricultura familiar são abordados em praticamente todas as entrevistas e ainda mencionados. Então essa necessidade identificada por Audretsch *et al.* (2022) em seu trabalho se faz presente no ecossistema de empreendedorismo da Paraíba, sendo necessário que sejam criadas políticas públicas que englobam outros tipos de empreendimentos, outros mercados e a diferentes públicos, critério valioso a ser revisto pelo indicador da configuração legal, que é o cenário disponível para que esses empreendimentos possam acessar esses recursos.

Fica abalizado que as dimensões abordadas inicialmente por Isenberg (2011) e posteriormente as necessidades visualizadas dentro dessas dimensões

abordadas por Audretsch *et al.* (2022) trazem evidências diante das entrevistas realizadas que todos são de fatos e necessidades presentes no ecossistema de empreendedorismo social da Paraíba. Logicamente que alguns pontos já se encontram em certa evolução, como as políticas públicas já implementadas, uma certa configuração legal já estabelecida, pontos de apoio políticos, mas que se fazem necessários para o desenvolvimento, fortalecimento e crescimento do EES.

Segundo E6 “Temos células de ES fantásticas na Paraíba e se tivesse um olhar mais generoso com políticas públicas mais arrojadas para atender essas comunidades, você teria um sucesso maravilhoso aqui na Paraíba”. Isto remete a constatação de que para agir com mais efetividade políticas precisam ser elaboradas com determinação e intensidade, destinadas a melhorar o bem-estar da sociedade, em específico da região da Paraíba e que fica nítido que o governo tem uma responsabilidade especial tratando-se da mudança deste cenário. Ele expõe ainda que:

[...] todo ecossistema ele trabalha com a hélice triple, a comunidade (as pessoas que empreende), as entidades governamentais (o governo) e o terceiro setor, então essa hélice governamental é fundamental no país como o nosso, onde você tem uma dependência muito grande de programas sociais do governo, então nessa área do empreendedorismo social o papel do governo é fundamental (Entrevistado 6).

Em sequência, Audretsch *et al.* (2022) identificam as necessidades negligenciadas do inovador social. A Educação sobre inovação social é um ponto crucial dentro dessa dimensão política. É explícito que se não for compreendido por essa massa política que antes de qualquer passo para o fortalecimento do EES na Paraíba, é necessário que haja educação voltada para o empreendedorismo e inovação desde o início da cadeia, ou não haverá avanço desse ecossistema. Há, então, sob esta lacuna não preenchida pelas instituições e pelos formuladores de políticas uma preocupação e formação de um discurso de busca e valorização por outras formas de educação que vão além do ensino formal, alinhado à necessidade de se investir na formação empreendedora já a partir dos primeiros anos de escola (Vieira, 2019), como ressaltado nas falas a seguir: E10 “[...] iniciar na base, no ensino fundamental, porque uma vez que isso existe lá no ensino fundamental você leva para o restante da vida” (E10); “Necessário qualificação dos líderes comunitários [...] capacitações e projetos de extensão” (E1); e, “[...] entendimento individual dos conceitos de inovação” (E3).

Constatou-se que em se tratando de políticas para os empreendimentos sociais, ainda é bem incipiente na prática. Em um ecossistema ideal, as políticas seriam definidas de forma que envolvessem ambos os atores, porém nem sempre isso é possível (Audretsch *et al.*, 2022). Os atores entrevistados reconhecem a importância, trazem exemplos de algumas políticas já implementadas, porém não há programas direcionados ao ES como um todo, está muito restrito por exemplo a cadeia de produção rural e que ainda falta uma sinergia entre as camadas da Hélice Tríplice.

4.2 Dimensão Finanças

A maioria dos empreendimentos passa por diversas etapas de captação de recursos financeiros entre seu estágio inicial e sua maturidade por possuir acesso limitado à capital (Mack & Mayer, 2016). As principais fontes dessa captação são o autofinanciamento, família, amigos, bancos, investidores anjos, capital de risco (venture capital) e incubadoras, sendo importante ao fomento à disposição no ambiente de diferentes tipos de financiamento (Acs *et al.*, 2017; Isenberg, 2011; Spigel, 2017).

O capital financeiro se torna mais facilmente disponível e mais fácil de acessar, à medida que os investidores desenvolvem confiança nos ecossistemas empreendedores em evolução (Mack & Mayer, 2016). Audretsch *et al.* (2022) identificam nesta dimensão quatro necessidades, sendo duas delas, acesso mais fácil e menos formalidades e fontes financeiras comuns como sendo comum ao empreendedorismo na sua forma tradicional como ao empreendedorismo social e necessidades identificadas que representam uma atualização do ecossistema empresarial tradicional, que são medidas adequadas para avaliar o impacto de inovações sociais e orçamento próprio da inovação social.

Tratando dessas necessidades voltadas ao EES da Paraíba, os respondentes enfatizaram explicitamente que são fundamentais acesso mais fácil e menos formalidades para apoio financeiro aos empreendimentos sociais no Estado (Figura 5). Mas especificamente, o entrevistado E11 mencionou que apesar de todos os benefícios, “ainda há essa dificuldade, às vezes a questão do entendimento com essa burocracia, como funciona, prejudica muito”, pode-se dizer que considerando o conhecimento de uma parte dos empreendedores sociais no atual cenário, a burocracia para conseguir ter acesso a algum tipo de recurso ainda é uma dificuldade premente vislumbrada no ecossistema pelos atores que o compõe.

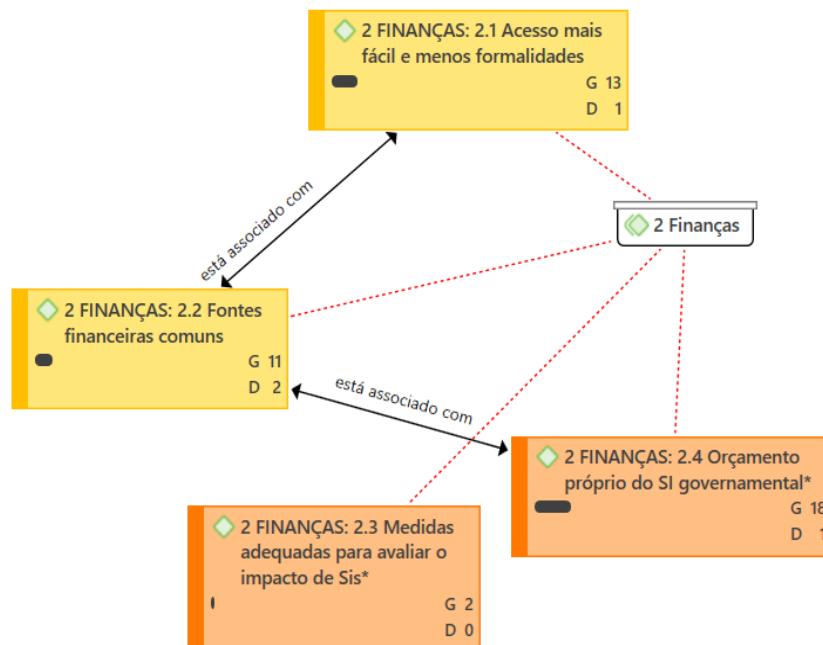


Figura 5. Dimensão Finanças.

Fonte: Rede gerada no Atlas.ti, com base nos dados da pesquisa de campo.

Além do mais, foi ressaltado a falta de acesso a crédito por alguns respondentes. O entrevistado E6 afirmou que “O que falta é o recurso federal de maneira mais democrática, mais transversal e você ampliaria de maneira significativa essa infraestrutura do EES aqui na região nordeste e na Paraíba nem se fala”. Outro fator que é tido como um gargalo no ecossistema é o acesso a esses recursos, seja oferecido pelo governo ou até mesmo através de linhas de créditos por instituições financeiras, que na sua maioria das vezes é muito complicado e burocrático, o entrevistado E10 fala:

[...] eu acho que uma das dificuldades é a falta de acesso a crédito, o fator dinheiro sempre pesa muito, mesmo que hoje a gente sabe que existem bancos que têm linhas de créditos específicas para esses empreendimentos, ainda sim muitas vezes esses empreendimentos não conseguem ter acesso por conta da burocracia (Entrevistado E10).

Diante dos fatos há evidências que os empreendedores sociais da Paraíba precisam de fontes de financiamento com menos formalidades, como menos burocracia, por exemplo, “em termos documentais, leis, regras impostas de todos os benefícios” (E11) principalmente para os empreendimentos iniciantes “é como se eles só conseguissem caminhar até a esquina, não conseguisse ver que após a esquina existe outra rua, então acho que isso é uma dificuldade imposta” (E11), e ainda algumas vezes os empreendedores têm até o desejo de crescerem, “começam a se regularizar, mas tem medo da burocracia, de se formalizar” (E9).

As fontes financeiras comuns estão diretamente associadas a um orçamento governamental próprio de inovação social, como colocado pelo entrevistado E5, “tudo parte do governo, é o grande propulsor de tudo isso”. Ademais, é perceptível que a dificuldade ao acesso de recursos é enorme no estado da Paraíba, as instituições de pesquisa e extensão têm papel crucial nessa empreitada.

Audretsch *et al.* (2022) enfatiza que embora o governo forneça esporadicamente atualmente algum tipo de apoio, esse tipo de apoio está muito relacionado com projetos e que a sua disponibilidade é dispendiosa da composição política atual. Assim sendo este problema é sanado com a criação de um orçamento governamental permanente para inovadores sociais (Audretsch *et al.*, 2022). O entrevistado E6 afirma que “hoje é arrancado leite de pedra para conseguir algum fomento financeiro para comunidades”. Segundo E6 se faz necessário “volta de programas federais que apoiam o empreendedorismo social”, com orçamentos específicos para esse grupo de empreendedores.

Por conseguinte, se faz essencial no panorama ecossistêmico na Paraíba que orçamentos governamentais sejam direcionados aos empreendedores/inovadores sociais com medidas a avaliar o impacto gerado e que assim como esses programas que mostram serem contributivos para mudanças das comunidades possam ter inseridos os produtos/serviços oferecidos pelos empreendedores sociais. Este é um gargalo posto dentro desta dimensão que precisa ser enxergado pela camada governamental e trabalhado em outras esferas que não esteja somente interligada com o meio rural. Audretsch *et al.* (2022) ressaltam a necessidade da implementação de um orçamento governamental para inovação social para oferecer aos inovadores sociais a possibilidade de financiamento mais facilmente acessível. Sendo assim, mais potenciais empreendedores dispostos a inovar teriam um incentivo para se dedicar aos seus projetos inovadores.

4.3 Dimensão Mercados

O empreendedorismo de sucesso é uma força para uma melhor regulamentação e governança, uma vez que, estimula o desenvolvimento de mercados formais de capital (Isenberg, 2011). A esfera dos mercados aborda a necessidade da existência de consumidores prontos para

absorver novos produtos e disseminá-los por meio de uma rede de contatos tanto nacional, como internacionalmente (Arruda *et al.*, 2013) (Figura 6). Zahra *et al.* (2014) acreditam que os mercados facilitam a criação de novas empresas por meio da troca de conhecimento e informações, além de proporcionarem os primeiros contatos

entre os atores de novos negócios. Isenberg (2011) defende que o desenvolvimento do empreendedorismo acontecerá de fato apenas se esses diferentes elementos do ecossistema forem trabalhados em conjunto, ainda que não seja necessário desenvolver todos os elementos em uma larga escala de uma única vez (Isenberg, 2011).

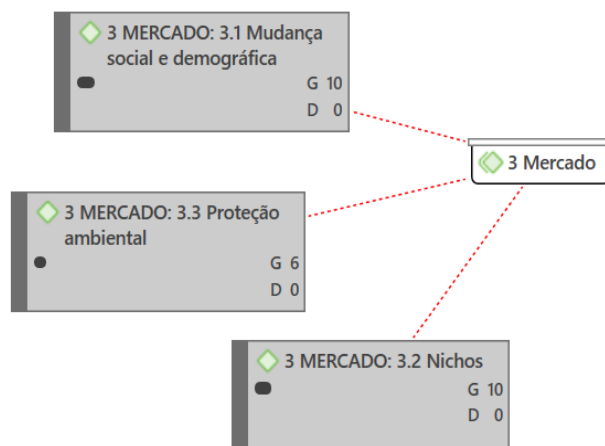


Figura 6. Dimensão Mercado.

Fonte: Rede gerada no Atlas.ti, com base nos dados da pesquisa de campo.

O primeiro indicador de mercado são os mercados atrelados às mudanças sociais e demográficas que está relacionado com as mudanças da sociedade e das regiões, tendo como ativo positivo a visualização, entendimento e troca de informações adequadas com sociedade, para que ela esteja preparada, para o evacuamento dos produtos ofertados no mercado no atendimento de suas necessidades como também atendendo outro indicador que é a proteção ambiental, o entrevistado E6 diz que:

[...] o impacto social do empreendedorismo social ele é assim, esse é o objetivo do empreendedorismo social, é o tipo de empreendedorismo que causa mais impacto social e ambiental também, porque você se preocupa com todos os aspectos quando está trabalhando o empreendedorismo social (Entrevistado E6).

No terceiro indicador, nichos em mercados tradicionais, oferece muitas alternativas também para os empreendedores sociais (Audretsch *et al.*, 2022). Na região da Paraíba, região da realização do estudo, esses nichos incluem vários mercados, por exemplo, o mercado de alimentos, “as mulheres que produzem bolos, produtos de panificação, empreendimentos de polpa de frutas” (E10), no mercado coureiro “são quase 400 pessoas envolvidas na atividade coureira” (E7). Então é os mais diversificados empreendedores que fazem parte desses nichos, entre eles o “vendedor de pipoca que está nas calçadas, o pipoqueiro, o cara que vende o refrigerante, a água mineral, o que vende a fruta ali na banca” (E5).

Para Audretsch *et al.* (2022), o pilar mercado é o único que não requer atualizações no ecossistema empreendedor tradicional, pois todos os três mercados identificados oferecem grande potencial tanto para inovadores sociais quanto para empreendedores com fins lucrativos. É claramente compreendido que diante dos resultados das entrevistas na região da Paraíba há a necessidade do estudo de mercado, por exemplo o

entrevistado E6 faz um adendo relacionando e importância do estudo do mercado para o meio rural:

É fundamental para fomentar a organização comunitária rural, o assentamento, transformar ele em empreendimento social agroindustrial, você tem que ter mercado para isso, então, a questão do estudo de mercado e a abertura de mercado dos produtos agroindustriais nessas comunidades é também outro aspecto crucial no empreendedorismo social (Entrevistado E5).

Essa mesma colocação dele em se tratando especificamente da organização comunitária rural é uma necessidade também para as outras gamas de empreendimentos e para os entrevistados as condições de mercados sinalizam como um ponto positivo para a saída dos produtos dentro do ecossistema empreendedor Paraibano. O entrevistado E9 afirma que “vai mudando a realidade, eles começam a evoluir”, o E7 cita uma realidade encontrada na sua cidade que transformou a comunidade como um todo após essa identificação do nicho de mercado e diferenciação dos produtos adotadas por aqueles que acreditaram que daria certo:

[...] a cooperativa começou com 28 sócios e hoje já tem no seu quadro societário mais de 100 pessoas e com a geração de emprego aqui dentro da comunidade do distrito da Ribeira de mais de 300 empregos diretos e indiretos só aqui no distrito, onde temos aproximadamente 1200 pessoas, então são quase 400 pessoas envolvidas na atividade coureira (Entrevistado E7).

Com isso, é brilhante como esses pilares, o estudo de mercado, as políticas públicas personalizadas voltadas ao desenvolvimento dessa iniciativa, o cuidado com o meio ambiente, os contatos políticos, a sociedade participando ativamente, entre outros indicadores associados conseguem mudar a realidade de uma região inteira. São exemplos como este que devem ser adaptados a outras

regiões como modelos de desenvolvimento dentro do ecossistema de empreendedorismo social na Paraíba.

4.4 Dimensão Capital Humano

Analisando a literatura talvez a presença de um grupo diversificado e qualificado de trabalhadores seja o elemento mais importante de um ecossistema empreendedor eficaz (Stam, 2015; Stam & Spigel, 2017). O capital humano é atualizado por meio de treinamento e experiência, histórias de sucesso inspiram novas gerações e tornam a sociedade mais tolerante a riscos, falhas e criação de riqueza (Isenberg, 2011).

Quatro indicadores fazem parte desta dimensão, sendo que o indicador de conhecimento específico

apresentou maior quantidade de magnitude em relação aos demais indicadores, com (29 *quotations*). Audretsch *et al.* (2022) identificaram 4 necessidades emergentes dentro da dimensão capital humano, sendo três relevantes para os empreendedores orientados para o lucro e para os inovadores sociais que são: características pessoais fortes, conhecimento específico e experiência não local e prática, e uma necessidade crucial para o surgimento da inovação social, e portanto, representa uma atualização do ecossistema empresarial tradicional que é a as habilidades sociais, de comunicação e de gerenciamento de projetos. Desse modo, a rede da dimensão gerada pelo *software* está apresentada na Figura 7.

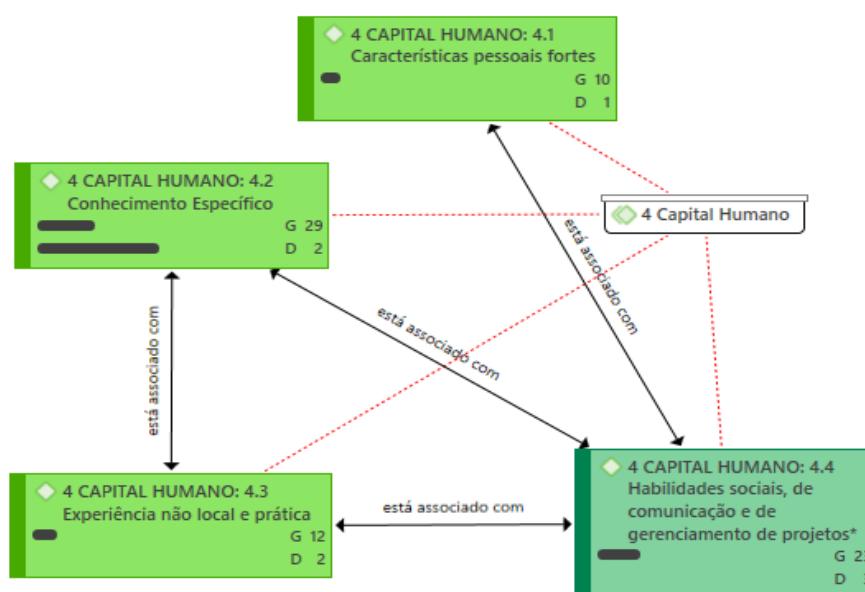


Figura 7. Dimensão Capital Humano.

Fonte: Rede gerada no Atlas.ti, com base nos dados da pesquisa de campo.

O indicador de conhecimento específico se refere ao conhecimento que o indivíduo domina acerca de determinado assunto ou projeto. Este indicador foi descrito como elemento essencial para desenvolvimento do ecossistema de empreendedorismo social da Paraíba (E1, E5, E6 e E8) e como uma dificuldade encontrada para este desenvolvimento. O E5 fala que “o conhecimento é fundamental, é crucial, o empreendedorismo parte do princípio da ideia, só que na maioria dos casos, tem a ideia, mas não tem o conhecimento técnico necessário para fazer a ideia ser executada”.

Pode-se identificar que algumas instituições parceiras têm contribuído como detentoras desse conhecimento específico e vem fazendo essa ponte até os empreendedores sociais com intuito de inseri-los dentro dos programas e ações que eles desenvolvem ou que o governo oferece, através de suas habilidades sociais, de comunicação e gerenciamento de projetos.

Entre as respostas dos entrevistados podemos identificar algumas instituições de ensino que detêm de conhecimento específico de forma grandiosa e valiosa, o entrevistado E8 fala “sem conhecimento a gente não

consegue nada, a maior revolução social que pode ter é o conhecimento, então dentro das universidades, a UFCG, UEPB, IFPB, são importantíssimos”. É possível também afirmar que instituições de pesquisa como o INSA são muito relevantes no processo de desenvolvimento do ecossistema e como detentora de profissionais e parceiros com conhecimento específico acerca de determinados projetos.

Diante dos fatos expostos é possível corroborar que necessidades abordadas por Audretsch *et al.* (2022) dentro da dimensão capital humano são perceptíveis dentro do ecossistema de empreendedorismo social no Estado da Paraíba e que é necessário mecanismos para sanar essas necessidades e dessa forma haja maior integração e desenvolvimento do ecossistema.

Conforme os discursos dos respondentes deste estudo, a Paraíba é um lugar que tem pessoas capacitadas para desenvolver negócios e prestar serviços aos empreendimentos sociais, há capital humano que vale muito, entretanto é visível que: a) ainda falta a integração entre essas pessoas detentoras de conhecimento; b) Falta interesse dos gestores em absorção de ideias inovadoras

que fornecem impacto a sociedade; e c) falta a disseminação do conhecimento aos empreendedores sociais/ inovadores sociais. Como pode ser notado na fala do E2 “Atualmente cada um faz o seu papel, o Sebrae faz a sua parte, o FIEP, agora falta a integração para que possamos trabalhar no desenvolvimento do projeto para consolidar o ecossistema com um acordo de cooperação, por que cada um faz sua parte isoladamente” A ênfase do discurso é justamente com relação a integração dos atores que compõem o ecossistema de empreendedorismo social da Paraíba, eles são tidos como atores que trabalham na sua individualidade.

4.5 Dimensão Apoio

A categoria de apoio contém assistência na divulgação pública, como aumentar a conscientização sobre o problema social e dar visibilidade à inovadores sociais de sucesso Audretsch *et al.* (2022). A dimensão apoio é composta por cinco necessidades identificadas no seu estudo, sendo quatro, necessidades adicionais identificadas que são relevantes para empreendedores

orientados para o lucro e se sobrepõem ao ecossistema empreendedor tradicional e uma necessidade de um pool de problemas sociais que parece ser exclusiva do campo de ecossistema de inovações sociais e requer uma forte atualização do ecossistema empresarial tradicional.

De acordo com Audretsch *et al.* (2022), embora os problemas sociais sejam o cerne da inovação social, na literatura esse tipo de pool ainda não é abordado e ao reunir problemas sociais, essa instituição de apoio assumiria muitas tarefas importantes (Figura 8). Uma necessidade central para os empreendedores sociais na Paraíba é a disponibilidade de adequadas ações sobre certos problemas sociais que buscam assistência na divulgação pública que pode ser apoiada por meio de eventos, shows, diversas contribuições de mídias, como sublinhou o E11 “então a gente começou mostrar alternativas, trabalhar nesse sentido, as redes sociais, Instagram, Facebook, WhatsApp, vendas por WhatsApp, que muitas vezes eles não se atentaram para essas novas formas de fazer negócio”. Então fica claro que os meios de comunicação podem fomentar o empreendedorismo social.

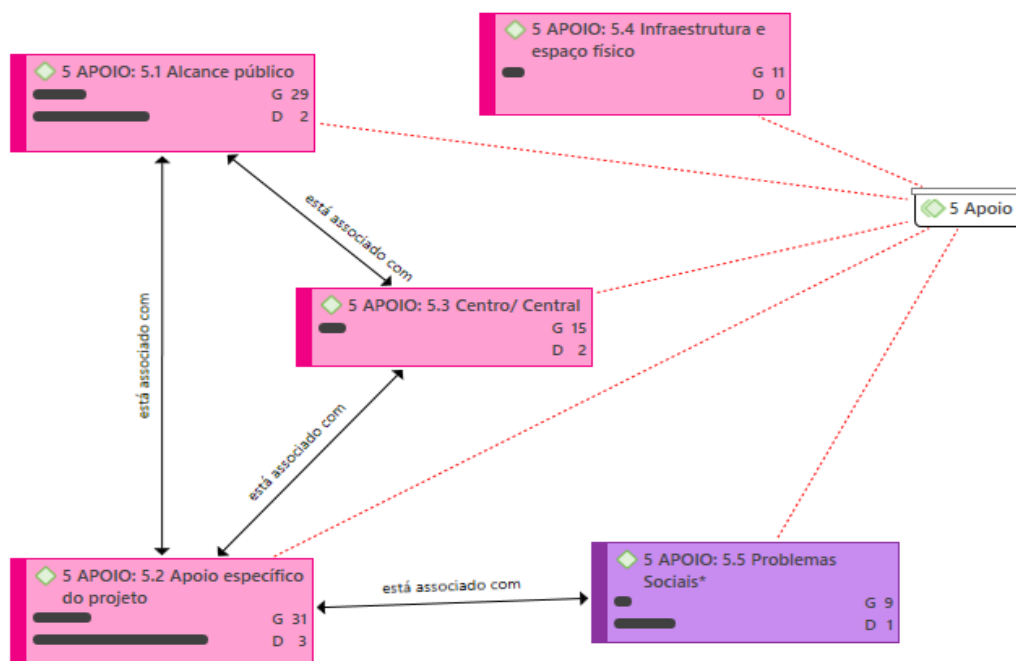


Figura 8. Dimensão Apoio.

Fonte: Rede gerada no Atlas.ti, com base nos dados da pesquisa de campo.

O E5 afirma que “eles carecem muito de acesso a pontos de comercialização oficial, eles não conseguem colocar por exemplo aquilo que produzem em redes de varejo, eles não conseguem espaço em ambientes como shoppings, não conseguem penetrar nesses pontos mais sofisticados de comercialização, então eles têm essa dificuldade justamente por falta de organização” É possível então diante das entrevistas observar que há uma carência encaixada nesse indicador que é a comercialização, associado ao indicador centro/central que é a necessidade de centro/hub, um local físico que sirva de ponto de contacto e informação, bem divulgado e facilmente constatável. Percebe-se que em toda a cadeia de

empreendimentos, ainda há um difícil escoamento do produto no mercado e muitas vezes por não terem uma infraestrutura adequada e um local de fácil acesso para informações que proporcione isso, tendo em vista, que muitos empreendedores sociais não têm condições financeiras de ter seu local próprio de comércio e não possuem conhecimento necessário.

É versado também e os entrevistados voltam sempre ao tocante dos empreendedores do meio rural, a agricultura familiar é tida como exemplo de organização, considerando que o governo disponibilizou através de apoio com as prefeituras municipais mecanismos para a disponibilidade

uma infraestrutura adequada para esses tipos de empreendimentos.

Além disso, é necessário suporte específico do projeto. O apoio no acesso a redes específicas foi listado como fundamental pelos 12 entrevistados e foi o mais comumente citado dentro desta dimensão, eles declaram que esse apoio pode ser oferecido de diversas formas como citam E1 “projetos de extensão, capacitações”, E6 “o acompanhamento, a consultoria e a transferência de tecnologia” e através de diferentes parceiros com apoio específico como colocados por E6 “as instituições de apoio para transferir tecnologia, dar acompanhamento, fazer levantamento de mercado, deveria ter mais universidades, mais instituições de suporte dando mais apoio para esses empreendimentos sociais”.

É impressionante a mudança que o empreendedorismo pode gerar em uma comunidade e por conseguinte contribuir para sanar os problemas sociais existentes, um entrevistado traz em uma de suas fala o impacto gerado pela iniciativa empreendedora através de uma cooperativa, “um impacto bombástico porque se não fosse a cooperativa e a sua renda, o distrito de Ribeira estava fadado a não ter mais pessoas morando, a não ser os aposentados e alguns funcionários públicos, não tinha condições de sobreviver, aqui antes as pessoas só viviam da agricultura” (E7).

E a associação dos indicadores apoio específico de um projeto, alcance público e central fica evidenciada na fala do entrevistado E8 que faz parte de uma Incubadora tecnológica:

A gente vai tentar sanar os principais problemas da sociedade, e quando eu digo principais são problemas como: fome, moradia, segurança, saúde pública, porque se a gente não consegue resolver esses problemas como que a gente vai para os outros, então como a gente vai saber resolver um problema se a gente não conversa diretamente com quem está vivenciando no dia a dia esses problemas (Entrevistado

E8).

Se fazendo necessário esse ponto central onde os inovadores pudessem acessar e assim as instituições que oferecem programas e ações de acordo com as necessidades dos mesmos pudessem apoiá-los. Então fica explícito que as necessidades abordadas por Audretsch *et al.* (2022) na dimensão apoio estão de fatos presentes no Ecosistema de empreendedorismo social da Paraíba, sendo necessário pontos de observação e tomadas de decisões que mudem este cenário ecossistêmico, para que dessa forma ele consiga de desenvolver e alcançar um público de maneira efetiva trazendo mudanças sociais, econômicas e ambientais.

4.6 Dimensão Cultura

De acordo com o estudo realizado pela Fundação Getúlio Vargas (2012) a cultura para a inovação presume a “presença de elementos da cultura que favoreçam a inovação, como aprendizagem encorajada, facilidade de compartilhamento de ideias e críticas, solução de conflitos” (p. 48). Audretsch *et al.* (2022) comentam que para os inovadores sociais, é necessária uma cultura de apoio ao empreendedorismo e às inovações em geral, bem como uma cultura de sensibilidade social.

Composta por 6 indicadores como apresentados na Figura 9, sendo o indicador de comunicação adequada o mais citado. A dimensão “Cultura” representa o campo onde Audretsch *et al.* (2022) afirmam que mais (quatro) atualizações do ecossistema empreendedor tradicional são necessárias. Ele cita como em primeiro lugar o desenvolvimento e implementação da inovação social, surgindo então a necessidade de uma cultura adequada de comunicação e discussão e que ainda é pouco discutida na literatura. Pode-se afirmar que de fato soluções inovadoras na sua grande maioria das vezes partem da conversa, discussão entre os indivíduos.

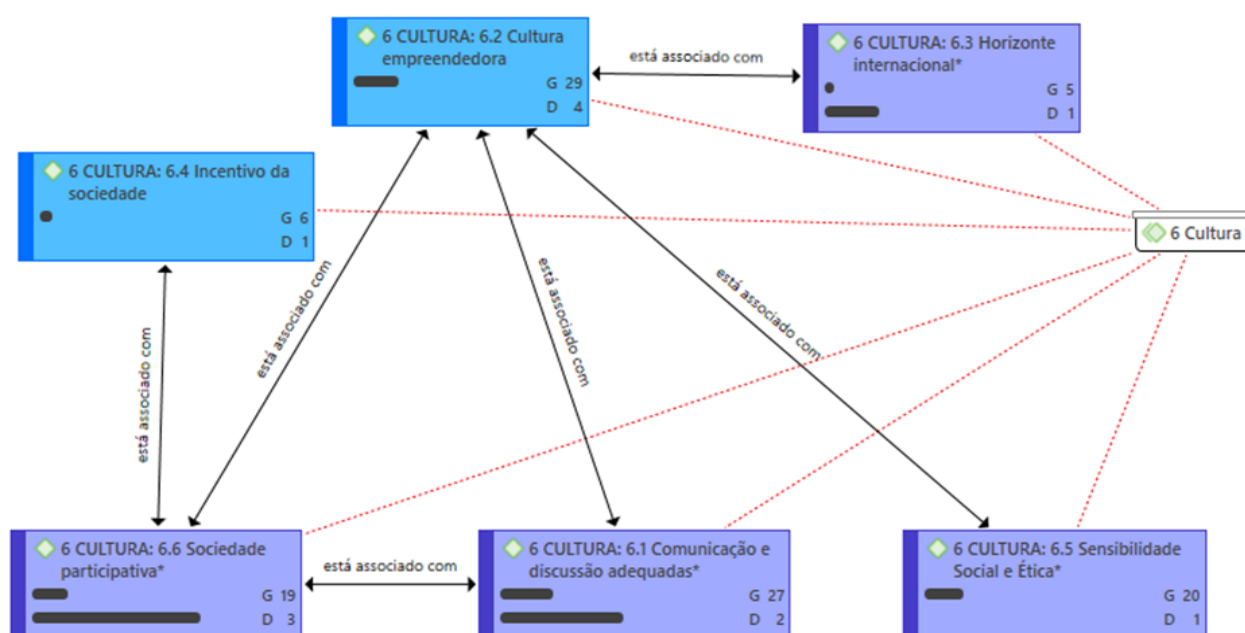


Figura 9. Dimensão Cultura.

Fonte: Rede gerada no Atlas.ti, com base nos dados da pesquisa de campo.

Essa cultura de comunicação e discussão quer dizer que é fundamental que os indivíduos possuam uma comunicação e discussão sobre os problemas sociais para que assim consigam exprimir a sua opinião e criem soluções para solucionar esses problemas, sendo primordial o respeito mútuo. De acordo com os entrevistados, a comunicação e discussão no Ecossistema de empreendedorismo social na Paraíba ainda não se encontra de forma efetiva, “Precisa ter planejamento, avaliação, continuidade” (E1), faltando essa integração e discussão de forma que todos os atores façam parte, como ressalta o E5: “a integração para que possamos trabalhar no desenvolvimento do projeto para consolidar o ecossistema com um acordo de cooperação, por que cada um faz sua parte isoladamente”.

O ecossistema se mostra ser um ambiente ideal para que essa cultura de comunicação e discussão, segundo o entrevistado E5, “o ecossistema é um ótimo espaço para gente nesse trabalho de interação, discussão e oportunidades, a gente vai identificando, vai dialogando”. Porém fica evidenciado que por mais que seja relevante para o desenvolvimento do ecossistema é um indicador que precisa ser trabalhado na prática, é necessário integração dos atores que compõem o ecossistema, o entrevistado E5 fala que atualmente as instituições realizam seu trabalho de forma isolada sem haver comunicação com os demais atores:

[...] atualmente do jeito que o banco faz o seu trabalho, todos os outros fazem os deles, o SEBRAE faz o dele, a FIEP faz o dele, a secretaria municipal aqui de Campina Grande faz o dela, enfim, todo mundo faz a sua parte, agora, falta essa junção, essa integração, onde a gente possa inclusive trabalhar no desenvolvimento de um projeto, para consolidar o ecossistema com acordos, acordos de cooperação que isso é muito importante, por enquanto cada um faz sua parte, cada um no seu quadrado, cada um seguindo seus objetivos, sua missão, mas não chegou haver essa integração para que a gente possa atuar de maneira integrada (Entrevistado E5).

Essa mesma dificuldade é abordada pela E10 em relação aos atores do ecossistema:

[...] precisam se organizar mais, porque eles trabalham muito de forma individual, o que dificulta muito pra eles e nós temos aqui algumas associações, algumas cooperativas, mas não há muita conexão entre eles, eles trabalham muito de forma isolada, e aí eu acho que até uma forma de tentar solucionar esses gargalos que existem seria eles se organizarem mais, eles se apoiarem, um ajudar o outro pra ver se pelo menos diminuir essas dificuldades que eles têm (Entrevistado E10).

Desta forma, é claro que esse indicador é uma dificuldade encontrada dentro do Ecossistema de Empreendedorismo da Paraíba, sendo fundamental trabalhar essa perspectiva que está diretamente associada a uma cultura empreendedora bem estabelecida como também a uma sociedade participativa.

É trago também das entrevistas a relevância da triple hélice no contexto ecossistêmico, essa quebra de barreiras através da comunicação, o entrevistado E9 dá um exemplo

de uma situação hipotética, mas que acontece constantemente na nossa sociedade:

Há! um líder de um bairro onde eles estão ali desenvolvendo por si só uma melhoria para saneamento básico, existe empresas que estão querendo investir naquilo dali e existem prefeitura que também quer investir, mas não consegue fazer políticas públicas porque não tem contato diretamente, é a questão que a gente sempre fala de tríplice hélice, a gente quebrar os muros e as barreiras entre a tríplice hélice, a academia, o estado como um todo (Entrevistado E9).

Então este indicador atrelado a outros que compõe a dimensão cultura são essenciais para o desenvolvimento e a alavancagem deste ecossistema no Estado da Paraíba, se faz indispensável que esses atores que compõe todo o ecossistema trabalhem a cultura empreendedora, que a sociedade estimule as iniciativas e os inovadores sociais. Diante desse cenário, o entrevistado E3 afirma que é necessário a “[...] revisão da cultura instalada sobre empreendedorismo e renovação da participação das instituições na formação da mente empreendedora”. A cultura empreendedora também é versada pelos entrevistados como elemento relevante para o desenvolvimento do EES na Paraíba. Na literatura, os autores falam que a cultura e os valores empreendedores estão relacionados à valorização da figura do Empreendedor e à opção do empreendedorismo enquanto carreira (Isenberg, 2010; 2011; World Economic Fórum, 2013).

Outro ponto colocado nas entrevistas que é muito importante e acredito que se adotado por vários gestores municipais e não só gestores mas por aqueles que de certa forma tem meios para colocar ideias em práticas e possuem uma sensibilidade social e ética que é um dos indicadores que compõem esta dimensão é um elemento brilhante de transformação social, como colocado por E5 “[...] quando os prefeitos são visionários, eles conseguem conjugar uma política pública dessa com outro programa e isso consegue dar uma alavancada nos índices de desenvolvimento humano e econômico de forma fantástica”. Essas iniciativas são cruciais para o desenvolvimento e implementação de empreendimentos/ inovações sociais, a entrevistada E11 coloca que “A partir do momento em que um dá certo os outros conseguem visualizar que os outros também vão dar, aí eles conseguem se unir, e há um crescimento sim através de algumas ações individuais você consegue ter uma mobilização”.

Na sociedade atual as dificuldades são evidentes e o empreendedorismo é uma forma de mudança desse cenário, “as pessoas são obrigadas a inventar, reinventar alguma coisa para tentar sobreviver, tem gente tentando produzir algo e fazer com que o que ele produz seja importante para o seu sustento em toda região nordeste” (E2). Dessa forma é basilar a intensificação da cultura empreendedora, que a sociedade possa ser ativamente participativa “é força de vontade, querer mudar” (E7), que haja comunicações adequadas dentro de toda a extensão

ecossistêmica, que haja sensibilidade social e ética e que seja internacionalizada essas iniciativas.

Ressaltado por E11 “muita gente não sabe nem o que é o empreendedorismo social, não sabe o que é um negócio de impacto social, então eu acredito que a gente precisa falar mais sobre isso, sensibilizar mais pessoas do ecossistema para falar sobre, para que a população conheça esses empreendimentos”. Sendo assim são esse conjunto de indicadores que abordam sobre as necessidades dentro desta dimensão se fazem cruciais do ponto de vista do EES da Paraíba para o amadurecimento da educação sobre empreendedorismo e inovação e assim consequentemente gerando a integração das partes que compõem o ecossistema de empreendedorismo social, se trabalhados, discutidos e implementados de forma conjunta o resultado será surpreendente.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo da presente pesquisa foi analisar a configuração do ecossistema de empreendedorismo social na Paraíba. Para tanto, percorremos as perspectivas teóricas que conceituaram as seis dimensões do ecossistema empreendedor propostas por Isenberg (2011), são elas: Política, Finanças, Mercados, Capital Humano, Apoio e Cultura. A escolha desse modelo ocorreu devido a sua importância para a literatura sobre ecossistemas empreendedores. Para definição dos indicadores, foi utilizado o modelo proposto por Audretsch *et al.* (2022), que aborda as necessidades existentes aos empreendedores tradicionais e as necessidades dos inovadores sociais dentro de cada uma das dimensões propostas por Isenberg (2011). Dessa forma, foram analisados 27 indicadores distribuídos em 6 dimensões.

Ao analisar os indicadores do ecossistema de empreendedorismo social no Estado da Paraíba, verificamos os autores e seus papéis, como também, buscamos compreender as perspectivas de desenvolvimento do ecossistema de empreendedorismo social. As dimensões analisadas estiveram presentes nas falas de todos os entrevistados, porém, com diferentes proporcionalidades.

Os resultados da dimensão “Política” apresentaram a maior quantidade de magnitude em relação a todas as dimensões analisadas e indicam a necessidade de políticas públicas com o objetivo de trazer a conscientização sobre a problemática social e introduzir a educação sobre inovação social em várias áreas da sociedade. Os atores entrevistados reconhecem a existência de políticas públicas implementadas, porém também reconhecem a fragilidade delas devido a falta de sinergia entre as camadas da Hélice Tríplice, ausência de programas direcionados ao empreendedorismo social como um todo e o fato delas serem estritamente direcionadas a cadeia de produção rural, faltando políticas para as outras áreas de atuação.

Em relação ao aspecto financeiro do ecossistema, a burocracia para ter acesso a algum tipo de recurso e a falta

de acesso a crédito são dificuldades percebidas pelos atores que compõem o ecossistema. Com isso, é perceptível a necessidade de um orçamento governamental para inovação social com o objetivo de oferecer aos inovadores sociais a possibilidade de financiamento mais acessível. Além do mais, a burocracia também está entre os entraves para comercialização, saída de mercadorias fabricadas por empreendedores sociais, e este foi o principal gap encontrado na dimensão “Mercado”.

Ademais, a Paraíba mostrou ser um ecossistema onde existem pessoas capacitadas para desenvolver o empreendedorismo social, porém, é perceptível a falta de integração desses autores-chave. Com isso, percebeu-se a necessidade de buscar desenvolver uma cultura empreendedora bem estabelecida por meio do amadurecimento da educação sobre empreendedorismo e inovação com o objetivo de gerar integração das partes que compõem o ecossistema de empreendedorismo social. O EES da Paraíba possui possibilidade de desenvolvimento se os autores trabalharem, discutirem e implementarem ações de forma integrada.

Além disso, as instituições de pesquisa e as universidades, enquanto detentoras do conhecimento, têm buscado programas que trabalhem a perspectiva do empreendedorismo social. Por exemplo, o oferecimento de pós-graduação com linhas de pesquisas atreladas ao empreendedorismo e inovação social. No entanto, identificou-se que o conhecimento específico precisa alcançar as bases para que, dessa forma, chegue à ponta com o objetivo de trazer mudanças na sociedade. As instituições como SEBRAE, SENAI, entre outras, têm se mostrado importantes para interligar e oferecer conhecimento através de várias ações para os empreendedores sociais, e, com isso, sanar algumas dessas necessidades presentes no ecossistema.

A partir do trabalho realizado, entendemos que o EES da Paraíba reúne um conjunto de talentos e pode ser um ecossistema transformador, devendo ser compreendido como um ambiente que proporciona inovação e evolução. Mas, para que esse ciclo aconteça da forma ideal, a ação dos atores deve buscar soluções para sanar as necessidades encontradas e estimular as camadas detentoras de conhecimentos e os produtores detentores de talentos. Desta forma, esta pesquisa serviu para analisar e mencionar os caminhos necessários diante das dificuldades encontradas para conseguir o funcionamento de um ecossistema de empreendedorismo social próspero e também enriquecer e contribuir com as teorias sobre ecossistemas de empreendedorismo social.

Essa pesquisa, assim como todas, apresentam limitações. Apesar de primar por selecionar representantes de instituições diferentes do Estado da Paraíba, acredita-se que o estudo ficaria mais rico se tivesse tido participação de mais instituições e até representantes de governos, o que proporciona uma análise comparativa. Porém, não foi possível mais entrevistas nessa classificação devido a indisponibilidades desses atores. Outro fator que

poderíamos ter obtido mais êxito seria a integração dessa rede de contatos do ecossistema. Talvez se estivesse de fato todos em cooperação, poderíamos ter até mesmo acesso a documentos para aprimoramento da pesquisa.

Por fim, recomenda-se para próximos estudos, ampliar as pesquisas para analisar outros atores que fazem parte do ecossistema, como representantes da liderança eclesiástica e membros de algumas igrejas que atuam nesse ecossistema. Além disso, destaca-se como sugestão, aumentar o universo da pesquisa acerca de empreendedorismo social, levando a tratativa para o público acadêmico, para os governantes, para a sociedade e investigar até que ponto a formação e o desenvolvimento do EES na Paraíba são importantes sob a ótica dos alunos de graduação e pós-graduação, dos governos e até mesmo dos atores responsáveis pela produção dessas inovações sociais, que estão vindo recheados de impacto dentro da sociedade.

AGRADECIMENTO

Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (FAPESQ) - Termo de Outorga nº 3131/2021.

REFERÊNCIAS

- A PARAÍBA - IBAL@IO. ([s.d.]). <http://ibalaio.sebraepb.com.br/paraiba/>
- Acs, Z. J., Stam, E., Audretsch, D. B., & O'Connor, A. (2017). The lineages of the entrepreneurial ecosystem approach. *Small Business Economics*, 49(1). <https://doi.org/10.1007/s11187-017-9864-8>
- Adner, R. (2006). Match your innovation strategy to your innovation ecosystem. *Harvard Business Review*, 84(4).
- Alvedalen, J., & Boschma, R. (2017). A critical review of entrepreneurial ecosystems research: towards a future research agenda. *European Planning Studies*, 25(6), 887-903. <https://doi.org/10.1080/09654313.2017.1299694>
- Ashoka. (2021). *Empreendedorismo Social*. Ashoka Brazil. <https://www.ashoka.org/pt-br/focus/empreendedorismo-social>
- ATLAS.ti. *Qualitative Methods Master Class Series*. [S. l.]: Atlas.ti, 2021. <https://atlasti.com/learning/free-training/>.
- Audretsch, D. B., Eichler, G. M., & Schwarz, E. J. (2022). Emerging needs of social innovators and social innovation ecosystems. *International Entrepreneurship and Management Journal*, 18(1). <https://doi.org/10.1007/s11365-021-00789-9>
- Audy, J., & Piqué, J. (2016). Dos parques científicos e tecnológicos aos ecossistemas de inovação: Desenvolvimento social e econômico na sociedade do conhecimento. *Desenvolvimento social e econômico na sociedade do conhecimento*. Brasília, DF: ANPROTEC. www.anprotec.org.br/site/menu/publicacoes-2/e-books/
- Austin, J., Stevenson, H., & Wei-Skillern, J. (2006). Social and commercial entrepreneurship: same, different, or both? *Entrepreneurship Theory and Practice*, 30(1), 1-22. <https://doi.org/10.4135/9789353885892.n4>
- Azevedo, L. F., Fonseca, P. C. D., & Missio, F. J. (2022). Distribuição de renda e regime de crescimento econômico no Brasil: avaliação e propostas. *Brazilian Journal of Political Economy*, 42(1), 25-47. <https://doi.org/10.1590/0101-31572021-3244>
- Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70 Ltda.

- Battilana, J., Lee, M., Walker, J., & Dorsey, C. (2012). Em busca do ideal híbrido. *Stanford Social Innovation Review*, 51-55. http://ssir.org/articles/entry/in_search_of_the_hybrid_ideal
- Bittencourt, I., Brunstein, J., Cavalcante Martins, A. A., Desidério, P. H., & Cardoso, C. A., Sobrinho. (2016). Revisão Sistemática da Literatura de Empreendedorismo Social e Desenvolvimento de Competências: uma análise dos últimos 10 anos. *International Journal of Innovation*, 4(1), 33-45. <https://doi.org/10.5585/iji.v4i1.67>
- Brush, C., Greene, P., Balachandra, L., & Davis, A. (2018). The gender gap in venture capital - progress, problems, and perspectives. *Venture Capital*, 20(2), 115-136. <https://doi.org/10.1080/13691066.2017.1349266>
- Carmona, V. C., Martens, C. D. P., Leão, A. L. D. B. C., Nassif, V. M. J., & Freitas, H. M. R. (2018). Empreendedorismo social: uma perspectiva bibliométrica na área de administração e negócios. *Estudios Gerenciales*, 34(149), 399-410.
- Carvalho, L. M. C., Viana, A. B. N., & Mantovani, D. M. N. (2016). O papel da FAPESP no ecossistema empreendedor do Estado de São Paulo. *Revista de Administração, Contabilidade e Economia da Fundace*, 7(1).
- Communication de La Commission Au Parlement Européen, Au Conseil, A. C. É. E. S. E. E. A. C. D. R. (2011). *Planification De L'espace Maritime Dans L'ue – Bilan Et Perspectives D'évolution*. 1-13.
- Creswell, J. W. (2010). *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto* (3. ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Dees, G. (1998). *The meaning of 'social entrepreneurship'*. Kauffman Foundation and Stanford University.
- Dionísio, M. (2019). The evolution of social entrepreneurship research: a bibliometric analysis. *Social Enterprise Journal*, 15(1), 22-45. <https://doi.org/10.1108/SEJ-05-2018-0042>
- Elia, G., Margherita, A., & Passiante, G. (2020). Digital entrepreneurship ecosystem: How digital technologies and collective intelligence reshape the entrepreneurial process. *Technological Forecasting and Social Change*, 150, 119791. <https://doi.org/10.1016/j.techfore.2019.119791>
- Europeia, C. (2014). *Um mapeamento das empresas sociais e seus ecossistemas na Europa: Resumo executivo*. Relatório enviado pela ICF Consulting Services Limited (Consultor Sênior Charu Wilkinson). <https://ec.europa.eu/social/home.jsp?langId=pt>
- Feld, B. (2012). *Startup Communities: Building an Entrepreneurial Ecosystem in your City*. New York: John Wiley & Sons Inc.
- Fernandes, A. J., & Ferreira, J. J. (2022). Entrepreneurial ecosystems and networks: a literature review and research agenda. *Review of Managerial Science*, 16(1). <https://doi.org/10.1007/s11846-020-00437-6>
- FGVCes. (2012). *Inovação e Sustentabilidade na Cadeia de Valor - ciclo 2012: Gestão de Fornecedores*. Centro de Estudos em Sustentabilidade.
- Forum, W. E. (2014). *Entrepreneurial Ecosystems Around the Globe and Early-Stage Company Growth Dynamics*. Geneva. January, 240.
- French, M., Lowe, T., Wilson, R., Rhodes, M-L., & Hawkins, M. (2021). Managing the complexity of outcomes: a new approach to performance measurement and management. In D. Blackman, F. Buick, K. Gardner, S. Johnson, M. O'Donnell, & S. Olney (Eds.), *Handbook on performance management in the public sector* (pp. 111-128). Edward Elgar. <https://doi.org/10.4337/9781789901207.00014>
- Frosch, R. A., & Gallopoulos, N. E. (1989). Strategies for Manufacturing. *Scientific American*, 261(3), 144-152.
- Ghazali, Z., Ibrahim, N. A., & Zainol, F. A. (2013). Factors affecting entrepreneurial intention among UniSZA students. *Asian Social Science*, 9(1), 85-93. <https://doi.org/10.5539/ass.v9n1p85>
- Glaser, B. G., & Strauss, A. L. (2017). *Discovery of grounded*

- theory: *Strategies for qualitative research*. New York: Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780203793206>
- Gobble, M. M. (2014). Charting the innovation ecosystem. *Research - Technology Management*, 57(4), 55-59.
- Hidalgo, G., Monticelli, J. M., & Vargas Bortolaso, I. (2021). Social Capital as a Driver of Social Entrepreneurship. *Journal of Social Entrepreneurship*. <https://doi.org/10.1080/19420676.2021.1951819>
- Ikenami, R. K. (2016). *A abordagem "ecossistema" em teoria organizacional: fundamentos e contribuições* (Dissertação de Mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil. <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/3/3136/tde-28092016-112348/>
- Isenberg, D. J. (2010). The big idea: How to start an entrepreneurial revolution. *Harvard Business Review*, 88(6), 1-18.
- Isenberg, D. J. (2016). Applying the ecosystem metaphor to entrepreneurship: Uses and abuses. *Antitrust Bulletin*, 61(4), 564-573. <https://doi.org/10.1177/0003603X16676162>
- Isenberg, D., & Onyemah, V. (2016). Fostering scaleup ecosystem for regional growth. *Innovation/Thriving Cities*, 11(1/2), 60-79.
- Kabbaj, M., Hadi, K. E. Q. E., Elamrani, J., & Lemtaoui, M. (2016). A study of the social entrepreneurship ecosystem: The case of Morocco. *Journal of Developmental Entrepreneurship*, 21(4). <https://doi.org/10.1142/S1084946716500217>
- Larrinaga, O. V. (2017). Is it desirable, necessary and possible to perform research using case studies? *Cuadernos de Gestion*, 17(1), 147-172. <https://doi.org/10.5295/cdg.1405160v>
- Lévesque, B. (2016). Économie sociale et solidaire et entrepreneur social: vers quels nouveaux écosystèmes?. *Revue Interventions Economiques*, 54. <https://doi.org/10.4000/interventionseconomiques.2802>
- Mack, E., & Mayer, H. (2016). The evolutionary dynamics of entrepreneurial ecosystems. *Urban Studies*, 53(10), 2118-2133. <https://doi.org/10.1177/0042098015586547>
- Minuzzi, J., Belinazo, D. P., & Lezana, Á. G. R. (2005). As relações entre empreendedorismo e marketing social. *Revista Ciências Administrativas*, 24(3), 1-15. <https://doi.org/10.5020/2318-0722.2018.6167>
- Moore, J. F. (1993). A New Ecology of Competition. *Harvard Business Review*, May-June., 76-86.
- Moore, J. F. (1996). *The Death of Competition: Leadership & Strategy in the Age of Business Ecosystems*. New York: Harper Business.
- Nachira, F. (2002). Towards a network of digital business ecosystems fostering the local development. *European Commission Discussion Paper*.
- Neck, H., Brush, C., & Allen, E. (2009). The landscape of social entrepreneurship. *Business Horizons*, 52(1), 13-19.
- Pesce, L., & Abreu, C. B. (2019). Pesquisa qualitativa: considerações sobre as bases filosóficas e os princípios norteadores. *Revista da FAEBA - Educação e Contemporaneidade*, 22(40), 19-29.
- Santos, D. A. G., Schmidt, V. K., & Zen, A. C. (2016). A emergência de um ecossistema de empreendedorismo: o caso do Armazém da Criatividade e a cidade de Caruaru, Pernambuco, Brasil. *Anais da 26ª Conferência Anprotec*. Fortaleza, Brasil, 26.
- Sassmannshausen, S. P., & Volkmann, C. (2013). *A bibliometric review on social entrepreneurship and its establishment as a field of research*. Germany: Schumpeter School of Business and Economics, Wuppertal University.
- Schäfer, S., & Mayer, H. (2019). Entrepreneurial ecosystems: Founding figures and research frontiers in economic geography. *Radiochimica Acta*, 107(12), 55-63. <https://doi.org/10.1515/ract-2019-frontmatter12>
- Schumpeter, J. A. (1943). *Capitalism, Socialism and Democracy. Modern Economic Classics - Evaluations Through Time*. Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781315270548-17>
- Spigel, B. (2017). The Relational organization of entrepreneurial ecosystems. *Entrepreneurship: Theory and Practice*, 41(1), 49-72. <https://doi.org/10.1111/etap.12167>
- Spigel, B., & Harrison, R. (2018). Toward a process theory of entrepreneurial ecosystems. *Strategic Entrepreneurship Journal*, 12(1), 151-168.
- Stam, E. (2015). Entrepreneurial Ecosystems and Regional Policy: A Sympathetic Critique. *European Planning Studies*, 23(9), 1759-1769. <https://doi.org/10.1080/09654313.2015.1061484>
- Stam, E., & Van de Ven, A. (2019). Entrepreneurial ecosystem elements. *Small Business Economics*, 1-24. <https://doi.org/10.1007/s11187-019-00270-6>
- Tardif, C., & Harisson, D. (2005). *Études théoriques*. <https://depot.erudit.org/bitstream/001601dd/1/ET0513.pdf>
- Tavares, L. F., & Rodrigues, M. S. (2015). O SEBRAE e o fortalecimento do discurso do empreendedorismo no Brasil: uma análise a partir do relatório Global Entrepreneurship Monitor (GEM). *Sinergia: Revista do Instituto de Ciências Econômicas*, 19(1).
- Vasconcelos, T. B. (2022). *Elementos de mensuração de empreendedorismo social em nível individual: a proposição de um framework* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, PB, Brasil. <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/25037>
- Vieira, M. L. (2019). *Maturidade do ecossistema de startups na cidade de João Pessoa* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, Brasil. https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/18936/1/MateusLimaVieira_Dissert.pdf
- Villegas-Mateos, A., & Vázquez-Maguirre, M. (2020). Social entrepreneurial ecosystems: a regional perspective of Mexico. *International Journal of Entrepreneurship*, 24(1), 1-19.
- World Economic Forum. (2013). Entrepreneurial Ecosystems Around the Globe and Company Growth Dynamics. *Report Summary for the Annual Meeting of the New Champions 2013*, September, 36. http://www3.weforum.org/docs/WEF_EntrepreneurialEcosystems_Report_2013.pdf
- Wurth, B., Stam, E., & Spigel, B. (2021). Toward an Entrepreneurial Ecosystem Research Program. *Entrepreneurship: Theory and Practice*, 46(3). <https://doi.org/10.1177/1042258721998948>
- Zahra, S. A., Wright, M., & Abdelgawad, S. G. (2014). Contextualization and the advancement of entrepreneurship research. *International Small Business Journal*, 32(5), 479-500. <https://doi.org/10.1177/0266242613519807>

CONTEXTUS

REVISTA CONTEMPORÂNEA DE ECONOMIA E GESTÃO.

ISSN 1678-2089

ISSNe 2178-9258

1. Economia, Administração e Contabilidade – Periódico
2. Universidade Federal do Ceará. FEAAC – Faculdade de
Economia, Administração, Atuária e Contabilidade

**FACULDADE DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO,
ATUÁRIA E CONTABILIDADE (FEAAC)**

Av. da Universidade – 2486, Benfica
CEP 60020-180, Fortaleza-CE

DIRETORIA: Paulo Rogério Faustino Matos
Danielle Augusto Peres

Website: www.periodicos.ufc.br/contextus

E-mail: revistacontextus@ufc.br



A Contextus está classificada no sistema Qualis – Capes como periódico B1, na área de Administração Pública e de Empresas, Ciências Contábeis e Turismo (2013-2016).



A Contextus está de acordo e assina a Declaração de São Francisco sobre a Avaliação de Pesquisas (DORA).



A Contextus é associada à Associação Brasileira de Editores Científicos (ABEC).



Esta obra está licenciada com uma licença Creative Commons Atribuição – Não Comercial 4.0 Internacional.

EDITOR-CHEFE

Diego de Queiroz Machado (UFC)

EDITORES ADJUNTOS

Alane Siqueira Rocha (UFC)

Márcia Zabdiele Moreira (UFC)

EDITORES ASSOCIADOS

Adriana Rodrigues Silva (IPSantarém, Portugal)

Alessandra de Sá Mello da Costa (PUC-Rio)

Allysson Alex Araújo (UFC)

Andrew Beheregarai Finger (UFAL)

Armindo dos Santos de Sousa Teodósio (PUC-MG)

Brunno Fernandes da Silva Gaião (UEPB)

Carlos Enrique Carrasco Gutierrez (UCB)

Cláudio Bezerra Leopoldino (UFC)

Dalton Chaves Vilela Júnior (UFAM)

Elionor Farah Jreige Weffort (FECAP)

Ellen Campos Sousa (Gardner-Webb, EUA)

Gabriel Moreira Campos (UFES)

Guilherme Jonas Costa da Silva (UFU)

Henrique César Muzzio de Paiva Barroso (UFPE)

Jorge de Souza Bispo (UFBA)

Keysa Manuela Cunha de Mascena (UNIFOR)

Manuel Anibal Silva Portugal Vasconcelos Ferreira (UNINOVE)

Marcos Cohen (PUC-Rio)

Marcos Ferreira Santos (La Sabana, Colômbia)

Mariluce Paes-de-Souza (UNIR)

Minelle Enéas da Silva (La Rochelle, França)

Pedro Jácome de Moura Jr. (UFPB)

Rafael Fernandes de Mesquita (IFPI)

Rosimeire Pimentel (UFES)

Sonia Maria da Silva Gomes (UFBA)

Susana Jorge (UC, Portugal)

Thiago Henrique Moreira Goes (UFPR)

CONSELHO EDITORIAL

Ana Sílvia Rocha Ipiranga (UECE)

Conceição de Maria Pinheiro Barros (UFC)

Danielle Augusto Peres (UFC)

Diego de Queiroz Machado (UFC)

Editinete André da Rocha Garcia (UFC)

Emerson Luís Lemos Marinho (UFC)

Eveline Barbosa Silva Carvalho (UFC)

Fátima Regina Ney Matos (ISMT)

Mario Henrique Ogasavara (ESPM)

Paulo Rogério Faustino Matos (UFC)

Rodrigo Bandeira-de-Mello (FGV-EAESP)

Vasco Almeida (ISMT)

CORPO EDITORIAL CIENTÍFICO

Alexandre Reis Graeml (UTFPR)

Augusto Cezar de Aquino Cabral (UFC)

Denise Del Pra Netto Machado (FURB)

Ednilson Bernardes (Georgia Southern University)

Ely Laureano Paiva (FGV-EAESP)

Eugenio Ávila Pedrozo (UFRGS)

Francisco José da Costa (UFPB)

Isak Kruglianskas (FEA-USP)

José Antônio Puppim de Oliveira (UCL)

José Carlos Barbieri (FGV-EAESP)

José Carlos Lázaro da Silva Filho (UFC)

José Célio de Andrade (UFBA)

Luciana Marques Vieira (UNISINOS)

Luciano Barin-Cruz (HEC Montréal)

Luis Carlos Di Serio (FGV-EAESP)

Marcelle Colares Oliveira (UFC)

Maria Ceci Araujo Misoczky (UFRGS)

Mônica Cavalcanti Sá Abreu (UFC)

Mozar José de Brito (UFL)

Renata Giovanazzo Spers (FEA-USP)

Sandra Maria dos Santos (UFC)

Walter Bataglia (MACKENZIE)